

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

SILVIA COSTA ANDROSSI

PRÉ-REQUISITOS PARA A ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE
DA CRIANÇA COM SURDOCEGUEIRA CONGÊNITA

São Paulo

2008

SILVIA COSTA ANDREOSSI

PRÉ-REQUISITOS PARA A ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE
DA CRIANÇA COM SURDOCEGUEIRA CONGÊNITA

Dissertação apresentada ao Programa de Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento.

Orientadora: Profa. Dra. Elcie F. Salzano Masini

São Paulo

2008

C559p

Andreossi, Silvia Costa

Pré-requisitos para orientação emobildade da criança com surdocegueira congênita / Silvia Costa Andreossi - São Paulo, 2009

97 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Elcie Fortes Salzano Masini.

Referências bibliográficas : f. 74-76.

1. Surdocegueira. 2. Atividades. 3. Orientação. 4. Mobilidade.
I. Título

CDD 616.2

SILVIA COSTA ANDREOSSI

PRÉ-REQUISITOS PARA A ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE
DA CRIANÇA COM SURDOCEGUEIRA CONGÊNITA

Dissertação apresentada ao Programa de Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Elcie Fortes Salzano Masini
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a. Dra. Maria da Piedade Resende da Costa
Universidade Federal de São Carlos

Prof^a. Dr^a. Sueli Galego de Carvalho
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Ao meu marido Fabio e meu bebê Isabela,
pela paciência em todos os momentos.

AMO VOCÊS

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Profa. Dra. Elcie Fortes Salzano Masini, pela sabedoria que me proporcionou, paciência por dar direção ao meu projeto, sugestões, atenção, carinho e uma grande amizade.

Ao “Hilton Perkins Program” e a Perkins School for the Blind, e em especial a Steve Perreault, consultor educacional para América Latina, um muito obrigada por tudo que tem feito por mim todos esses anos, pelo carinho, confiança, amizade, dedicação e por me incentivar a fazer esse mestrado.

A Graciela Ferioli Representante Regional da América Latina por sua atenção, confiança, amizade e suporte.

Meus pais, irmãos e demais familiares pelo incentivo e carinho.

À ADefAV – Associação para Deficientes da Áudio Visão, onde obtive grande parte do meu aprendizado e experiência. Amigos, Pais, Alunos, Professores, e todos os funcionários pela força, carinho e atenção.

A todos os amigos e professores da Universidade Presbiteriana Mackenzie que compartilharam comigo suas experiências e conhecimentos, pela amizade e parceira.

À três pessoas especiais que sempre me referenciaram e apoiaram nessa carreira, me deram conselhos, sugestões na elaboração do projeto, assim como a disponibilidade manifestada ao longo desses meses e que eu tenho um enorme carinho, Ana Maria de Barros Silva, Helena Burgés Olmos e Maria Nina Cormedi.

A Prof^a. Dra. Maria da Piedade Resende da Costa e a Prof^a. Dr^a. Sueli Galego de Carvalho pela dedicação e contribuição.

À minha amiga Elenir Ferreira Porto Carillo, pela forte amizade nestes dois anos, e pelo apoio, paciência, experiência, companheirismo e dedicação.

A vida é uma aventura ousada ou nada
(Helen Keller – Surdocega)

RESUMO

O objetivo desta dissertação foi o de identificar atividades desenvolvidas pela família e por profissionais para que crianças com surdocegueira de 2 a 4 anos possam participar de um programa de orientação e mobilidade. Foram arroladas as atividades que estimularam e facilitaram o movimento e a exploração do corpo pelas crianças com surdocegueira congênita, bem como as adaptações utilizadas para que elas iniciassem sua locomoção no ambiente familiar e escolar. Fundamentou-se em autores tais como: Cormedi (2005), Riggio et al. (1999), Sense Internacional (2008), Gense et al. (2004), que focalizam o desafio de estabelecer uma forma de comunicação consistente e de proporcionar autonomia e independência à criança com surdocegueira congênita; nos que aprofundaram estudos sobre as necessidades de profissionais, de familiares e/ou cuidadores de crianças com surdocegueira congênita dentre os quais, Masini (2002), Hill et al. (1984) e Michael et al. (1987). Para investigar os pré-requisitos para a participação desta criança no programa de orientação e mobilidade foram realizadas entrevistas com professores e com familiares e/ou cuidadores. Os sujeitos da pesquisa foram selecionados a partir dos prontuários de uma Instituição especializada no atendimento de crianças com surdocegueira, sendo selecionados com base nos critérios de seleção três pedagogos que atuam exercendo a função de professores de crianças com surdocegueira congênita pertencente à ADefAV e três familiares e/ou cuidadores dessas crianças. A análise dos dados mostrou que ambos os grupos, tanto de profissionais como o de famílias tinham noções de como estar com a criança com surdocegueira realizando algum tipo de atividade. Os dados das entrevistas analisadas, por outro lado, assinalaram que há necessidade de mais informações e esclarecimentos sobre o programa de orientação e mobilidade e de atividades bem estruturadas, funcionais e desenvolvidas no cotidiano da criança e em todos os contextos de sua vida, para que ela tenha condições de participar de um programa de orientação e mobilidade.

Palavras-chave: surdocegueira, atividades, orientação, mobilidade.

ABSTRACT

The objective of this dissertation was to identify activities developed by the family and professionals so that 2 to 4 years-old deafblind children could participate on a mobility and orientation program. Activities that stimulated and facilitated body recognition by congenital deafblind children were listed, as well as the adaptations utilized by them to initiate their locomotion at family and school environments. It was based upon authors such as: Cormedi (2005), Riggio et al. (1999), Sense International (2008), Gense et al. (2004), who focused on the challenge in establishing a consistent mean of communication and offer autonomy and independence to the congenital deafblind child; on the ones who deepened their studies about the professionals, family members and/or caregivers of congenital deafblind children needs; among them Masini (2002), Hill et al. (1984) and Michael et al. (1987). To investigate the requirements for the participation of this child on the mobilization and orientation program interviews with teacher and family members e/or caregivers were conducted. The research subjects were selected from and institutions specialized in assisting deafblind children, being selected by criteria established by three pedagogues who practice teaching congenital deafblind children associated to ADefAV and three of these children family members e/or caregivers. Data analysis showed both groups, professionals and family members, had notions on dealing with deafblind children engaged in certain types of activities. Data from analyzed interviews, on the other hand, pointed out the need to more information and clarifications about the mobility and orientation program, just as the need to better structured and functional activities developed during the child's daily routine and in every single context of their life, so that they can have conditions to participate in a mobility and orientation program.

Key-words: deafblindness, activities, orientation, mobility.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Identificação dos pedagogos _____	52
Quadro 2	Identificação dos familiares e/ou cuidadores _____	52
Quadro 3A	Sujeito 1 dos professores: Situação que prepara a criança para a orientação e mobilidade no deslocamento _____	56
Quadro 3B	Sujeito 1 dos professores: Situação em que a criança não recebe nenhuma orientação em relação a mobilidade e deslocamento ____	57
Quadro 4A	Sujeito 2 dos professores: Situação que prepara a criança para a orientação e mobilidade no deslocamento _____	57
Quadro 4B	Sujeito 2 dos professores: Situação em a criança não recebe nenhuma orientação em relação a mobilidade e deslocamento _____	58
Quadro 5A	Sujeito 3 dos professores: Situação que prepara a criança para a orientação e mobilidade no deslocamento _____	59
Quadro 5B	Sujeito 3 dos professores: Situação em que a criança não recebe nenhuma orientação em relação a mobilidade e deslocamento ____	59
Quadro 6A	Sujeito 1 dos familiares e/ou cuidadores: Situação que prepara a criança para a orientação e mobilidade no deslocamento _____	60
Quadro 6B	Sujeito 1 dos familiares e/ou cuidadores: Situação em que a criança não recebe informação sobre orientação na mobilidade e deslocamento _____	61
Quadro 7A	Sujeito 2 dos familiares e/ou cuidadores: Situação que prepara a criança para a orientação e mobilidade no deslocamento _____	62
Quadro 7B	Sujeito 2 dos familiares e/ou cuidadores: Situação em que a criança não recebe informação sobre orientação na mobilidade e deslocamento _____	64

- Quadro 8A Sujeito 3 dos familiares e/ou cuidadores: Situação que prepara a criança para a orientação e mobilidade no deslocamento _____65
- Quadro 8B Sujeito 3 dos familiares e/ou cuidadores: Situação em que a criança não recebe informação sobre orientação na mobilidade, deslocamento, comunicação e adaptação do ambiente _____66
- Quadro 9A Situações que proporcionam à criança orientação na mobilidade e deslocamento _____67
- Quadro 9B Situações em que a criança não recebe orientação em relação a mobilidade e deslocamento _____67
- Quadro 10A Situações que proporcionam à criança orientação na mobilidade e deslocamento _____68
- Quadro 10B Situações em que a criança não recebe orientação em relação a mobilidade e deslocamento _____68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1 DEFINIÇÕES DE SURDOCEGUEIRA	19
1.2 CLASSIFICAÇÕES SEGUNDO A ÉPOCA DE AQUISIÇÃO	23
1.2.1 Surdocego Congênito	24
1.2.2 Surdocego Adquirido	25
1.3 CLASSIFICAÇÃO DA SURDOCEGUEIRA	25
1.4 PRINCIPAIS CAUSAS DA SURDOCEGUEIRA	26
1.5 CARACTERÍSTICAS E NECESSIDADES	27
1.5.1 Referente à Comunicação da criança surdocega	28
1.5.2 Referente à Orientação e Mobilidade (O&M)	31
1.5.3 Especificidade da orientação e mobilidade para o surdocego	33
1.5.4 Pré-requisitos para que uma criança acompanhe um programa de orientação e mobilidade	35
1.5.4.1 O tato	36
1.5.4.2 Olfato	37
1.5.4.3 Visão	37
1.5.4.4 Audição	38
1.5.4.5 Percepção Corporal	38
1.5.4.6 Explorando o movimento e as partes do corpo	39
1.5.4.7 Corpo e espaço	40
1.5.4.8 Construção do mapa mental	40
1.5.4.9 Desenvolvimento de noções de tamanho e forma	41
1.5.4.10 Desenvolvimento de noções de tempo e distância	41
1.5.4.11 Destrezas Motoras Grossas e Finas	42
1.5.4.12 Habilidades de alcançar e agarrar	43
1.5.4.13 Deslocamento em ambiente	44
1.5.4.14 Comunicação	45
1.5.4.15 Participação da Família e/ou Cuidador	46
1.5.5 Síntese dos pré-requisitos para criança de 2-4 anos acompanhar programa de O&M	47
CAPÍTULO 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	50
2.1 PROCEDIMENTOS	50
2.2 SUJEITOS	51
2.3 LOCAL	52
2.4 COLETA DE DADOS	52
2.4.1 Materiais e equipamentos	52
2.4.2 Recursos	53
2.4.2.1 Questionário de entrevista para professores	53
2.4.2.2 Questionário de entrevista para familiares e/ou cuidadores	53
2.4.2.3 Pesquisa documental	54

2.4.2.4 Realização das entrevistas	54
2.5 ANÁLISE DE DADOS	54
2.5.1 Quadros de categorização dos dados selecionados dos trechos das respostas dos entrevistados	56
2.5.2 Quadros de convergências e divergências das respostas dos professores e das famílias e/ou cuidadores	67
2.5.2.1 Quadros de convergências e divergências dos professores	67
2.5.2.2 Quadros de convergências e divergências dos familiares e/ou cuidadores	68
REFLEXÃO DOS DADOS	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	74
ANEXOS	77
ANEXO 1	78
ANEXO 2	79
ANEXO 3	80
ANEXO 4	83
ANEXO 5	86
ANEXO 6	88
ANEXO 7	91
ANEXO 8	95

INTRODUÇÃO

A maioria das crianças aprende a conhecer o mundo, movendo-se e explorando os objetos do seu meio. Aprendem também quando alcançam os objetos, os brinquedos e através da exploração podem conhecê-los. Ao se locomoverem várias vezes pelos mesmos lugares e ao encontrarem e tocarem os objetos e os brinquedos pode aprender como funcionam e que importância tem em sua vida. Quando esses momentos são bem aproveitados pelo adulto, propiciando a interação, também facilitam a aprendizagem e a comunicação.

A criança também pode aprender que ela por si só pode realizar ações e que também pode se movimentar pelo ambiente. O mesmo não acontece com a criança com surdocegueira.

A surdocegueira é uma deficiência que acarreta sérias dificuldades para a criança tornando-a dependente do outro. Sem a audição e sem a visão - os dois sentidos principais por meio dos quais se recebe a informação do mundo em relação à comunicação e movimento - crianças com surdocegueira enfrentam problemas referentes à comunicação, interação com ambiente, com pessoas e em relação à mobilidade. Dessa forma crianças com surdocegueira não têm a possibilidade de vivenciar independentemente a exploração do espaço e podem não saber qual importância que os objetos têm em sua vida. A realidade do mundo fica distante se não houver estímulos adequados nas intenções comunicativas dessa criança e se os sentidos de que dispõe não forem estimulados apropriadamente. Ela necessitará da presença do adulto que irá favorecer esse processo de conhecimento do mundo oferecendo atividades adequadas do cotidiano, sabendo interpretar suas intenções comunicativas, criando uma real interação e respeitando o ambiente natural em que ela está inserida.

Para a criança com surdocegueira o movimento pode proporcionar uma oportunidade de obter informação sensorial, de influir no meio de comunicar-se e de tomar decisões. As destrezas em orientação e mobilidade proporcionam oportunidades que podem expandir a consciência que tem a criança sobre o meio, resultando em uma maior motivação, independência e segurança (Cf. GENSE e GENSE, 2004).

Esse raciocínio leva a refletir sobre quem é a criança com surdocegueira congênita e sobre estratégias de como educá-la para a vida futura. Há, pois, necessidade de profissionais com preparo específico para atuar, com condições de atender a necessidade de atividades bem elaboradas que contemplem e que favorecem o desenvolvimento da criança sobre todos os âmbitos. As necessidades individuais das crianças com surdocegueira são distintas e deve-se verificar se todas as áreas do desenvolvimento estão sendo trabalhadas.

Este trabalho buscou identificar, junto a famílias e profissionais, as atividades desenvolvidas para crianças com surdocegueira congênitas de 2 a 4 anos, atividades essas que constituem as etapas preparatórias para que as crianças acompanhem um programa de Orientação e Mobilidade (O&M).

É de fundamental importância, nesta fase de desenvolvimento, iniciar o trabalho em equipe e ter a família como principal facilitador de todo o processo de desenvolvimento e planificação, assim como, montar algumas estratégias no lar para que as famílias possam lidar com as necessidades de seus filhos.

O contato do adulto formando um vínculo, envolvendo-se com a criança, auxilia nesse processo de estruturação. É o meio facilitando o aprendizado e proporcionando conhecimento do mundo que o rodeia.

Nesse processo, o adulto facilitador que atua junto à criança, além de ajudar a criança a organizar os sentidos remanescentes, poderá captar as intenções comunicativas da criança, dar significado a ações, movimentos aos objetos e pessoas, organizar e orientar a criança no espaço e facilitar o processo de deslocamento seja ele na locomoção, no engatinhar ou qualquer outra forma de deslocamento que essa criança possa ter por meio de atividades.

Esses dados evidenciam a necessidade de condições prévias que exige que todos os envolvidos - profissionais e famílias - sejam conscientes das estratégias e conhecimentos específicos que facilitem o contato eficiente com a criança com surdocegueira e também atuem de acordo com a necessidade de cada uma.

Ao registrar e analisar o relato de profissionais e familiares esperou-se que os dados coletados nesta pesquisa pudessem indicar que condições têm sido oferecidas à criança com surdocegueira que viabilizam sua participação no programa de Orientação e Mobilidade - (O&M) e que vão ao encontro das necessidades dessas crianças. O registro de dados coletados com esses sujeitos, famílias e profissionais, foram qualitativamente analisados ampliando a

compreensão sobre a ação e as formas que estimulam a criança na realização do movimento na exploração do corpo com o meio.

ANTECEDENTES

Minha carreira acadêmica como professora de Educação Física, teve início na Associação para Deficientes da Áudio Visão (ADefAV), como estagiária. Envolvi-me no trabalho com crianças com surdocegueira e crianças com deficiência múltipla, desenvolvendo atividades e realizando cursos oferecidos pelo programa Hilton Perkins no Brasil, inclusive o de Orientação e Mobilidade (O&M), que me motivaram a continuar. Essa trajetória, iniciada há 14 anos, levou-me a realizar esta dissertação.

No ano de 2004 recebi o convite da ADefAV para participar do programa Educational Leadership (ELP), em Boston, Massachusetts, onde passei um período de nove meses desenvolvendo trabalhos e um projeto na área da Educação Física e Orientação e Mobilidade, na turma de 2005/2006. No término desse curso, em uma conversa com o meu supervisor responsável por programas na América Latina, ele sugeriu que eu realizasse o Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Mackenzie, para continuar a proposta que já estava desenvolvendo.

Em 2007 dei continuidade aos meus estudos na Universidade Presbiteriana Mackenzie para desenvolver um projeto de dissertação sobre orientação e mobilidade de crianças com surdocegueira que focalizasse questionamentos vindos da minha experiência com as famílias dessas crianças. Esses questionamentos e dúvidas de famílias e também de alguns profissionais evidenciaram a necessidade de buscar uma organização e sistematização de atividades para crianças de 2 a 4 anos que favorecessem sua movimentação segura e eficiente no espaço, através de exploração do meio e contato direto com objetos e pessoas.

Os questionamentos surgiram das seguintes situações:

- atendimento na ADefAV de crianças que chegavam à instituição sem se locomover por ausência de estímulos, pela ausência de contatos e atividades propiciadas a elas no convívio diário.

- verificação das dúvidas dos familiares para lidar com a criança tão diferente, sem saber o que fazer com ela e para ela.
- solicitação aos profissionais de atenção maior às atividades do cotidiano que propiciassem ao aluno maior autonomia.
- angústia de todos frente ao estado dessas crianças e famílias.

Essas situações evidenciaram a importância da Intervenção Precoce e de contar com a família e/ou cuidadores como principais facilitadores de todo o processo de planejamento nas estratégias do lar, para que aprendessem a lidar com as necessidades de seu filho (a).

Com a expectativa de proporcionar a essas famílias e/ou cuidadores e profissionais maiores esclarecimentos e buscar um material que viesse ao encontro das necessidades dessa criança com surdocegueira, foi definida a problemática da dissertação: o desafio de organizar e sistematizar as atividades que proporcionem à criança com surdocegueira pré-requisitos para poder participar de um programa de Orientação e Mobilidade.

Definiram-se, assim, os objetivos desta dissertação.

PERGUNTA DIRETRIZ

Quais as atividades desenvolvidas pelas famílias e profissionais para que uma criança surdocega congênita tenha condições de participar de um programa de Orientação e Mobilidade?

OBJETIVO GERAL

Identificar atividades desenvolvidas pela família e profissionais para que crianças com surdocegueira na idade de 2 a 4 anos possam participar de um programa de orientação e mobilidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar atividades que estimulam e facilitam o movimento e a exploração do corpo para crianças com surdocegueira congênita.
- Identificar as adaptações no espaço e de materiais utilizados para que as crianças com surdocegueira congênita iniciem sua locomoção no ambiente familiar e escolar.

CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 DEFINIÇÕES DE SURDOCEGUEIRA

A surdocegueira é caracterizada pela perda completa ou parcial de visão e audição associadas. É considerada como deficiência única por apresentar características e necessidades próprias.

Estudos relatam que algumas pessoas com surdocegueira conseguiram sucesso na educação.

Nascimento e Costa (2007) apontaram que os registros sobre a educação de pessoas com surdocegueira no mundo referem-se a casos de pessoas que conseguiram aprender a ler e escrever, concluindo o ensino superior e a aprendizagem de diversos idiomas.

Para esclarecer melhor essa deficiência, suas características e casos de sucesso apresentam-se a seguir dados históricos e definições.

Amaral (2002, p. 121), em relatos históricos sobre surdocegueira, enfatizou que no ano de 1825 aparecem as primeiras referências a pessoas com surdocegueira. Nessa época uma criança com o nome de Julia Brice ficou surda e cega ao mesmo tempo e aprendeu a comunicar-se por sinais na escola de surdos Hartford, nos Estados Unidos.

Desde então outros casos foram citados na literatura. No ano de 1837, Laura Bridgman, aos 18 meses de idade, ficou surdocega e foi educada em programas de cegos na Perkins School for the Blind, Watertown, Estados Unidos. Na França, outro caso em 1860, Germaine Gambon, uma menina surdocega educada em escola de surdos (Cf. HARING, ROMER, 1995; AMARAL, 2002).

Outro caso mais conhecido no mundo está nas publicações de Helen Keller (1982), que ficou surdocega no ano de 1881 e só recebeu atendimento de uma professora chamada Anne Sullivan em 1887, ano em que a surdocegueira começou a ter maior reconhecimento.

Helen Keller desenvolveu sua comunicação usando o método do alfabeto manual digital na palma da mão tornando-se a primeira pessoa com surdocegueira a ir à escola superior (Cf. AMARAL, 2002, p. 121).

Nos anos de 1964 e 1965 houve uma mudança na educação de pessoas com surdocegueira em virtude de uma epidemia de rubéola congênita em gestantes dos Estados Unidos que provocou o nascimento de 5.000 crianças com surdocegueira.

Jan Van Dijk, na década de 60, na Holanda, deu início a um programa para crianças vítimas da rubéola materna. Tratava-se de um programa baseado no movimento com a intenção de desenvolver a comunicação (Cf. AMARAL, 2002, p. 121).

Após as publicações dos casos de pessoas com surdocegueira, surgiram várias discussões sobre o termo hifenizado (surdo-cego), que no decorrer dos anos foram esclarecidas nas publicações de alguns autores apresentados a seguir, com dados sobre essa terminologia ilustrando o ponto de vista de cada um:

Lagati (1995) relatou que propôs no ano 1991, em Trento, Itália, a tentativa do termo “surdocego” como palavra única no lugar do termo hifenizado “surdo-cego”. Lagati acreditava que a “surdocegueira” é uma condição que apresenta especificidades únicas além das causadas pela cegueira e pela surdez.

O autor relatou ainda que essa terminologia é muito discutida nos Estados Unidos (EUA) e que há uma preocupação no termo “politicamente correto”.

No ano em que Lagati propôs o termo “surdocego” surgiu uma definição americana onde o termo “surdocego” já aparecia sem o hífen. Miles e Riggio (1999) descreveram as informações sobre a definição de surdocegueira do governo federal americano, contando que no ano de 1990 ainda aparecia o termo utilizado deaf-blindness (surdo-cegueira), mas que em 1991 a International for the Education of the Deafblind, conhecido agora como Deafblind International (DBI), definiu como grafia única para compreender a população dos bebês, crianças e os adultos com surdocegueira como uma só deficiência, o termo “surdocego”.

Reforçando o autor Lagati, a deficiência surdocegueira apresenta especificidades únicas, além das causadas pela cegueira e pela surdez. Essa população de pessoas que apresentam a dupla deficiência sensorial necessita de um aprendizado com metodologias específicas e que pode e deve ser entendida como pessoas com surdocegueira,

Essas necessidades específicas podem ser apresentadas sobre vários âmbitos, como através de:

- causas;

- combinações de deficiências;
- falta de estimulação precoce;
- recursos de serviços;
- comunicação;
- mobilidade;
- ambiente familiar, social e cultural.

As limitações de acesso e contato direto com o meio devido à ausência de disponibilidade parcial dos sentidos da visão e audição acarretam dificuldades no desenvolvimento da criança com surdocegueira. De forma geral, a maior parte da população com surdocegueira tem resíduos de visão e audição, ou seja, podem ser capazes de ouvir e ver algo. A surdocegueira pode também aparecer acompanhada de outros comprometimentos físicos ou mentais.

Para esclarecer essa questão, seguem algumas definições sobre a surdocegueira:

A surdocegueira não é a somatória da surdez com a cegueira, logo, a problemática não é apenas de comunicação e percepção. A surdocegueira é uma deficiência única e os surdocegos têm uma privação multisensorial (CORMEDI, 2005, p. 28)

A lesão dos sentidos distais responsáveis pela recepção de informações do mundo que a rodeia, pode trazer para a pessoa com surdocegueira atrasos consideráveis no desenvolvimento global.

Assim a dificuldade que a pessoa surdocega apresenta em suas habilidades e na interação com o outro, a tornam dependente pela dificuldade de comunicação e mobilidade. É importante ressaltar que os profissionais da área da saúde e educação, devem conhecer as características individuais da surdocegueira e quais serviços e que recursos podem ser oferecidos para essas pessoas.

De acordo com Maia (2005), a surdocegueira é uma deficiência singular com perdas auditivas e visuais em diferentes graus, levando a pessoa com surdocegueira a desenvolver diferentes formas de comunicação para receber comunicação, interagir com as pessoas e o meio ambiente, proporcionando-lhe o acesso a informações, uma vida social com qualidade, orientação, mobilidade, educação e trabalho.

A literatura especializada mostrou que a ausência de uma intervenção precoce adequada pode causar ao indivíduo sérias dificuldades de comunicação, locomoção e outras que irão afetar no futuro as atividades de vida diária, estudo, trabalho e integração social.

Erikson (2002, p. 119) relatou que a surdocegueira é uma combinação da perda de audição e visão; uma pessoa com surdocegueira às vezes não apresenta nenhum resíduo visual e auditivo, mas muito freqüentemente é uma pessoa surda com alguma visão ou cega com alguma audição. Algumas pessoas surdocegas têm memória auditiva e visual.

A surdocegueira tem um efeito limitante na vida da criança e da família. É relevante ter em mente que o passo de maior importância para alcançar os objetivos com a criança ou adulto com surdocegueira é saber o significado da surdocegueira para cada indivíduo e qual atuação deve ser utilizada com cada um.

Entender o significado da surdocegueira requer que a pessoa esteja ciente dos efeitos da combinação dessas duas deficiências sensoriais sobre o desenvolvimento humano e dos efeitos ímpares em cada indivíduo. Encontrar uma definição que cubra totalmente os significados da surdocegueira é muito difícil, sendo observada claramente a necessidade de abordagens individuais que reflitam as necessidades específicas, que dificilmente serão cobertas por uma única definição (CARILLO, 2005, p. 19).

Entender em qual idade acontece cada uma das deficiências (visual e auditiva) é muito importante para identificar as diferenças no desenvolvimento da pessoa, principalmente porque a educação dessas pessoas acontece individualmente e tem necessidades específicas.

Conforme mencionou Amaral (2002, p. 123), a definição de surdocegueira dada pelo grupo Liaison de serviços aos surdocegos no Reino Unido é:

Pessoas são surdocegas quando apresentam graves deficiências visuais e auditivas que resultam em problemas de comunicação, informação e mobilidade. Inclui pessoas com dificuldades severas visuais e auditiva de nascença ou adquiridas na tenra infância, e as que desenvolveram a deficiência na vida adulta. Inclui também pessoas que, sofrendo de deficiência em um sentido, estão nos estágios iniciais de uma dificuldade secundária com prognóstico de deterioração com o tempo. Deve ainda incluir aquelas pessoas cujo grau de dificuldade de visão ou audição é difícil de avaliar, mas que funcionam como deficientes visuais e auditivos.

Todas as definições apontam aspectos diferenciados do desenvolvimento, mas todas estão voltadas para a questão da comunicação e interação com o mundo,

e acesso à independência, seja na educação, trabalho, orientação, mobilidade e lazer. Mostram também a necessidade de definir características específicas dessa população de deficientes e esclarecer sobre suas necessidades.

As crianças por meio dos seus sentidos adquirem conhecimento de si e do mundo, o que em crianças com surdocegueira pode não ocorrer porque sofrem com a privação sensorial e talvez não possam usar sua visão e audição para obter informações em relação ao meio social e físico em que estão inseridos.

Por ocorrer essa privação a criança poderá se manter isolada sensorialmente e permanecer fechada em seu mundo reagindo negativamente a qualquer que seja o contato, se não houver uma estimulação precoce e adequada a cada caso.

As estratégias de ensino para a criança com surdocegueira devem ser adaptadas para que ela possa se beneficiar e aprender. Inicialmente essas crianças podem não entender as instruções oferecidas pelo adulto, porque não podem ver e nem ouvir as outras pessoas. Deverão aprender através de uma metodologia específica em ambientes naturais com atividades de acordo com a idade de forma estruturada e sistemática; metodologia essa que vem sendo pesquisada e desenvolvida exclusivamente para o surdocego e que atingiu tal funcionalidade que tem sido utilizada para a educação em geral.

Como as definições assinalaram, são diversas as combinações sobre as perdas auditivas e visuais, assim sendo os relatos sobre surdocegueira não abordam todos os aspectos das necessidades dos surdocegos, o que pode dificultar o entendimento sobre a metodologia apropriada a cada pessoa com surdocegueira. Para entender melhor e facilitar essa compreensão, sobre como atuar junto com essa população de acordo com as especificidades de cada um, segue a classificação e características dos mesmos.

1.2 CLASSIFICAÇÕES SEGUNDO A ÉPOCA DE AQUISIÇÃO

São várias as formas de relatar a combinação da surdez com a deficiência visual ou cegueira.

Segundo a época de aquisição da deficiência, apresenta-se da seguinte forma:

1.2.1 Surdocego Congênito

A pessoa com surdocegueira congênita é aquele que adquire a deficiência sensorial surdez e cegueira durante a gestação ou após o nascimento, mas antes da aquisição de uma linguagem. Neste caso em específico o conhecimento do mundo fica prejudicado podendo apresentar dificuldades no desenvolvimento global, como ilustra a definição da Sense Internacional (2002):

Denomina-se surdocegueira congênita, quando a pessoa adquire a surdocegueira em alguma das etapas da gestação. A rubéola, é uma das causas mais freqüentes podendo ocasionar graves danos ao feto, principalmente se for nos primeiros três meses de gestação. Dentro desta classificação inclui também aqueles indivíduos que não nasceram surdocegos, mas adquiriram a surdocegueira antes da aquisição de uma língua materna ou na etapa (pré-linguística).

As grandes perdas visuais e auditivas resultam em limitações comunicativas e do contato da criança com o mundo. Os sentidos remanescentes das pessoas com surdocegueira pré-linguística, propiciam a recepção de informações olfativas, gustativas, táteis, cinestésicas e vestibulares, necessitando sempre de um adulto que o ajude a integrar essas informações sensoriais, trabalhando-as de modo a transformá-las em conceitos, aumentando seu conhecimento (Cf. FREEMAN, 1993; FERIOLI, 1993).

Pelas divulgações realizadas na Conferência Mundial de Organização Deafblind International (2006), celebrada em 1999, ficou definido que:

Surdocegueira congênita se aplica as pessoas que nascem com uma deficiência visual e auditiva ou que se tornam surdocegas antes do desenvolvimento de uma linguagem. A grande maioria das pessoas que pertencem a este grupo também tem diversos graus de deficiência intelectual.

Crianças com surdocegueira congênita - por não apresentarem uma comunicação estabelecida e não disporem de uma língua - serão beneficiadas por programas especiais que atendam às suas especificidades. Essas especificidades

são únicas em cada criança e se consideradas possibilitam o desenvolvimento de alguma forma de comunicação. Assim, para ter acesso e contato com pessoas, objetos e o meio com maior êxito, poderá desenvolver atividades cuja meta seja direcionar para independência e autonomia na mobilidade.

1.2.2 Surdocego Adquirido

Segundo a Sense Internacional (2002), denomina-se surdocego adquirido pessoas que adquiriram a surdoceguera no decorrer de sua vida, posterior a aquisição da linguagem.

Neste grupo estão as pessoas que nasceram sem a deficiência visual e a auditiva e que adquirem essas deficiências tornando-se surdocega em virtude de síndromes, infecções ou outras doenças.

1.3 CLASSIFICAÇÃO DA SURDOCEGUEIRA

A mais importante classificação da surdocegueira que aborda a intensidade das perdas é a que considera a funcionalidade dos resíduos visuais e auditivos, mais do que o grau das perdas.

Sobre a surdocegueira existem diferentes formas de classificação, porém o que se deve levar em consideração para orientar o aprendizado é o funcionamento em relação à privação sensorial.

O resíduo de audição e visão que a criança com surdocegueira venha a apresentar pode funcionar, ser estimulado e integrar-se a outros sentidos de que a criança dispõe para favorecer seu desempenho e desenvolvimento global.

Miles e Riggio (1999, p. 24) apresentaram uma classificação para diferenciar a surdocegueira quanto à intensidade das perdas sensoriais, levando em consideração:

- aqueles indivíduos que são surdos e cegos;
- aqueles indivíduos que são surdos e com deficiência visual;

- aqueles indivíduos que tem perda auditiva e que são cegos;
- aqueles indivíduos que fazem uso do resíduo auditivo e do resíduo visual.

Entender a intensidade das perdas facilita a compreensão da pessoa com surdocegueira e de qual a abordagem apropriada para oferecer condições ao seu desenvolvimento.

1.4 PRINCIPAIS CAUSAS DA SURDOCEGUEIRA

Através de alguns estudos destacaram-se as seguintes causas:

- Origem genética síndromes
 - Usher
 - Associação CHARGE
 - Alport
 - Down
 - Trissomia 13
 - Goldenhard
 - Marshall
 - Stickler
 - Duane
 - KID
 - Leber's
 - Norrie's
 - Pierre-Robin
- Origem pré-natal
 - Prematuridade
 - Rubéola congênita
 - Toxoplasmose
 - Drogas teratogênicas
 - Incompatibilidade sanguínea

- Eritroblastose fetal
- Hidrocefalia
- Microcefalia
- Citomegalovírus
- Herpes
- Sífilis
- Aids
- Incompatibilidade sanguínea

- Lesões neonatais
 - Prematuridade
 - Anóxia
 - Drogas Ototóxicas

- Adquiridas – Infecções
 - Meningite
 - Sarampo
 - Otites graves
 - Sífilis

- Outras
 - Acidentes
 - Tumores

1.5 CARACTERÍSTICAS E NECESSIDADES

Esclarecimentos sobre características e necessidades das crianças com surdocegueira foram citados por Amaral (2002, p. 122):

[...] crianças e jovens que apresentam deficiências auditivas e visuais, cuja combinação cria necessidades tão severas de comunicação, desenvolvimento e de aprendizado e outros que elas não conseguem ser devidamente educadas sem o concurso de uma educação especial e

serviços a ela relacionados, além daqueles que seriam fornecidos para crianças somente com deficiências auditivas, deficiências visuais, ou incapacidades graves, para avaliar suas necessidades educacionais devidas a essas deficiências concomitantes.

Segundo Amaral, a população com surdocegueira que vai à escola hoje em dia é tipicamente composta por crianças com surdocegueira de nascença, relatando que suas habilidades gerais são muito diferentes daquelas que apresentam a surdocegueira adquirida.

1.5.1 Referente à Comunicação da criança surdocega

De acordo com Cormedi (2005), o impacto das combinações das perdas sensoriais evidencia a dificuldade dos surdocegos congênitos e dos múltiplos deficientes na aquisição da linguagem e desenvolvimento de formas simbólicas de comunicação.

A comunicação é fundamental na vida de todo e qualquer ser humano, e para a criança com surdocegueira, viver sem a comunicação é estar ausente do mundo. Pela falta de visão e audição, a criança se isola por não receber informações advindas destes dois sentidos e assim a comunicação pode ficar prejudicada. É através da comunicação que a criança terá oportunidades de receber e expressar suas vontades e desejos; isso exige que todos os envolvidos, profissionais e familiares e ou cuidadores, tenham conhecimentos específicos para manter contato com a criança em prol dos benefícios presentes e futuros na vida dela.

Destarte, é importante para a criança com surdocegueira ter um sistema de comunicação, condição imprescindível para ajudar o desenvolvimento global.

Dado que o início dessa comunicação ocorre pelo movimento, é fundamental que haja intervenção o mais precocemente possível para que as condições de atendimento sejam mais eficientes, e conseqüentemente a criança venha a se desenvolver e se manter socialmente integrada.

O atendimento global dessas crianças e principalmente o que diz respeito ao movimento e a comunicação devem estar centrados nas necessidades individuais de cada uma como:

- ambiente reativo;
- rotinas organizadas;
- interação com ambientes;
- interação com pessoas;
- interação com objetos;
- conhecimento de diferentes ambientes.

Para facilitar a organização do trabalho desenvolvido nesse processo de comunicação Crook (s/d, p. 9) esboçou sobre as áreas que devem ser observadas para iniciar a comunicação com uma criança com surdocegueira:

Primeira: Como se relaciona e funciona a criança com os objetos. O que ela faz com os objetos.

Segunda: A habilidade para antecipar o que vai acontecer depois.

Terceira: As intenções espontâneas para se comunicar.

Estabelecer uma organização nesse processo da comunicação é fundamental porque o efeito desencadeado pela surdocegueira na vida da criança é o da privação da recepção de informações vindas do ambiente e do contato direto com o mundo pelos sentidos da audição e visão.

Esses sentidos nos dão informações e possibilidades de contato direto com o mundo, conforme explicaram alguns autores citados a seguir.

Segundo Ayres (1998) nossos sentidos nos dão a informação das condições físicas do nosso corpo e do ambiente que nos rodeia. Algumas crianças podem apresentar resíduo visual e/ou auditivo e esses podem ser estimulados desde as idades mais precoces favorecendo a organização do corpo e do mundo. É muito importante para a criança com surdocegueira aprender a utilizar os sentidos de que dispõem para explorar o ambiente, objetos e pessoas do meio.

De acordo com Magalhães (2003), a aprendizagem depende das habilidades do indivíduo receber informações sensoriais do meio ambiente e dos movimentos de seu corpo, de processar e integrar essas informações no Sistema Nervoso Central

(SNC) e de usá-las para planejar e organizar o comportamento. Essa autora afirmou ainda que quando o indivíduo tem déficits no processamento e integração de informações provenientes do corpo e do ambiente, isso pode interferir na aprendizagem motora e também na aquisição de conceitos.

Quanto aos danos que a surdocegueira ocasiona na criança e reconhecendo que traz desvantagens humanas limitantes, outros autores asseguram ainda que:

O mundo de uma criança surdocega congênita pode ser inconsistente, formado essencialmente de sensações táteis, de vibrações, num universo de movimentos estereotipados com pouca discriminação entre o próprio corpo e o ambiente. Não ocorre uma integração efetiva das vias sensoriais, mesmo que haja resíduos auditivos e visuais. O mundo não é explorado, os objetos não têm função, são apenas fontes de prazer e manipulação. A criança vive momento a momento (CORMEDI, 1999, p. 11).

Essa afirmação leva a entender que a criança sem visão e sem audição ou com comprometimento em ambas tem os dois sentidos que fornecem informações à distância lesados, podendo, como dito outrora, levar a criança ao isolamento. As informações que obtêm pelos sentidos remanescentes - por exemplo, o tato - dão a informação de mundo mais proximal, nas quais as mãos têm função fundamental. Essa limitação causa dependências nessas crianças e faz necessária a presença de um adulto que facilite esse contato proximal e a exploração do mundo para que a criança não se isole.

Além disso, algumas crianças também não apresentam o movimento de andar por falta de estimulação ou condições motoras.

Reiterando a literatura especializada na realização de trabalhos junto à crianças com surdocegueira, retomamos alguns autores.

Amaral (2002), fundamentada em Van Dijk (1967), enfatizou que o movimento é base para a interação com o meio ambiente. A maioria das crianças desfruta o prazer pelo movimento e apresenta a utilização do canal cinestésico, olfativo, gustativo e tátil para realização da exploração de alguns objetos do seu meio. Esse movimento pode ser realizado tendo o corpo do adulto como modelo para a criança que pouco a pouco irá descobrindo o seu corpo e esse será a fonte de exploração do mundo em que está inserido. O movimento referido, porém, necessita de cuidados, do apoio, interação significativa com uma pessoa, de forma a fornecer segurança e encorajar a criança a explorar o ambiente.

Essa autora afirmou também que é necessário oferecer a essas crianças oportunidades de explorar o que as cercam para formar uma idéia do mundo que as rodeia de modo consistente e com segurança.

É no decorrer dos primeiros anos de vida que se procede às verdadeiras aquisições nos diversos domínios do comportamento (afetivo, psicomotor e cognitivo), visto ser a fase em que ocorrem as mudanças mais significativas e que determinam em grande escala as futuras habilidades específicas de comportamento (NETO, 1999, p. 114).

Curtis et. al. (s/d) esclareceram o fenômeno chamado de ressonância, citado no modelo de Van Dijk. Trata-se da etapa inicial para desenvolver o diálogo e acontece através do movimento, no qual a criança entende que ela pode ter algum controle sobre o mundo, chamado de sensação de competência, através do uso do corpo do adulto.

Relatam ainda, os autores acima citados, que no modelo Van Dijk a professora observa os movimentos motores grossos da criança e se envolve fisicamente com ela, imitando um desses movimentos.

Essas indicações evidenciam a necessidade da criança com surdocegueira ser estimulada desde cedo a fim de proporcionar a ela o desenvolvimento motor para adquirir a possível independência e autonomia.

1.5.2 Referente à Orientação e Mobilidade (O&M)

A O&M estão presentes na vida de todos nós e o sentido que está diretamente ligado a isso é a visão que nos permite receber informação do ambiente onde estamos localizados e nos dá a oportunidade de saber qual tomada de decisão vamos ter em relação a este espaço. A audição contribui como um sentido de distância assim como a visão, ambos tem função importante na orientação e movimentação segura de pessoas no ambiente.

De acordo com os autores HILL, et. al. (1984), a orientação é o processo pelo qual as pessoas utilizam informação sensorial para estabelecer e manter sua posição no meio ambiente. A mobilidade é o processo de deslocamento seguro, eficiente e elegante no meio. A meta fundamental do aprendizado de O&M é que as

peças com problemas visuais e auditivos possam se deslocar nos ambientes, com a maior independência possível.

Felippe e Felipe (1997, p. 13) afirmaram que:

Orientação é a habilidade do indivíduo para perceber o ambiente que o cerca, estabelecendo as relações corporais, espaciais e temporais com esse ambiente, através dos sentidos remanescentes. Mobilidade é a capacidade ou estado inato do indivíduo de se mover reagindo a estímulos internos ou externos, em equilíbrio estático ou dinâmico.

A orientação oferece oportunidade para um deslocamento seguro e eficiente permitindo que a criança compreenda que existem pessoas e objetos à sua volta e como os objetos e as pessoas estão neste ambiente em relação a ela.

A mobilidade pode ser a habilidade mais prejudicada no indivíduo com surdocegueira e é justamente por esse motivo que o profissional responsável deve se preparar para receber a criança com surdocegueira, fornecer condições adequadas para que ela se sinta segura e confiante compreendendo as estimulações vindas desse ambiente.

Outros estudos como o de Mattos e Vital (2006, p. 44) afirmaram ainda que “Orientação e Mobilidade (O&M) são o meio pelo qual o indivíduo utiliza os sentidos para estabelecer sua posição relativamente ao ambiente enquanto movimenta-se nesse meio”.

As citações dos autores assinalam a importância que a O&M têm na vida dos seres humanos para o desenvolvimento integral.

Para entrar em contato com o ambiente em seu dia-a-dia, a criança com surdocegueira necessita de algumas informações e atendimentos especiais e individuais para iniciar a relação de movimentos específicos e ter acesso a objetos e pessoas que a cercam. É importante lembrar que neste processo a família está presente desde o nascimento e poderá fornecer as informações sobre a criança, bem como também precisará receber as orientações adequadas.

Há técnicas específicas que respeitam e levam em consideração as individualidades da criança com surdocegueira, bem como são atentas as adaptações necessárias de cada uma delas. Em sua prática, a pesquisadora em questão atende crianças com surdocegueira há muitos anos, o que a tem possibilitado verificar que quando as crianças recebem orientação, revelam a capacidade de perceber o ambiente e saber onde elas estão em relação aos objetos

e às pessoas. Quando desenvolvem sua mobilidade apresentam mais capacidade de se movimentarem com eficiência e segurança.

Algumas crianças podem se sentir inseguras e apresentar medo ao se mover em um ambiente que não pode nem ver e nem ouvir (Cf. GENSE; GENSE 2004). Podem apresentar menos motivações para se deslocar, podendo inibir a curiosidade que é natural à criança. Essas dificuldades relacionadas ao medo e a insegurança podem alterar a mobilidade da criança em relação ao ambiente, influenciando na capacidade de se movimentar com segurança e eficiência.

Esses dados reiteram que por esses motivos, a intervenção deve iniciar o mais cedo possível para que as crianças com surdocegueira tenham possibilidades de sucesso. Conseqüentemente é essencial e esperado que tenham oportunidades de se desenvolverem a nível motor e em nível das habilidades espaciais que são necessárias para se locomoverem no espaço com eficiência e segurança.

Saber que existem pessoas e que há um corpo e que esse corpo está inserido em um espaço, saber onde está, para onde quer ir e o como fazer para chegar ao local desejado, são informações fundamentais que a criança com surdocegueira deve adquirir, pois é através desses conceitos que irá ter a oportunidade de obter autonomia.

1.5.3 Especificidade da orientação e mobilidade para o surdocego

A criança com surdocegueira pode apresentar uma menor curiosidade sobre o mundo; muitas vezes chega a temer o movimento. Pela falta de audição e pelo fato de não poder aprender pelas experiências visuais, pode apresentar uma motivação para explorar o mundo comprometida.

Para indivíduos surdocegos a orientação e mobilidade podem ensinar e é desejável esperar que se movam independentemente em todo ambiente. Esta independência pode significar utilizar uma bengala branca para cruzar uma rua com êxito em ambiente interno e externo. Em outros casos dará as destrezas para mover-se de forma independente na escola e na casa. E para as que são motoramente limitadas, sua independência significará desenvolver melhor seus sentidos residuais podendo interpretar a informação até chegar a entender onde está localizado um objeto em relação a ele. Poderá mover-se intencionalmente, ou tão somente estender

um braço ou ir dando voltas para obter o objeto que quer (Cf. GENSE; GENSE, 2004)

Nos relatos de Giacomini (2008, p. 34):

A mobilidade começa através do espaço nos braços da mãe e dos movimentos que esta faz com o seu bebê quando, por exemplo, o faz dormir, balançando-o suavemente. Quando ela leva o bebê do quarto para o banheiro, na hora do banho; quando ela o coloca na cadeira na cozinha para alimentá-lo; quando ela o leva para a sala para brincar, ela está realizando a Orientação e Mobilidade com o seu bebê.

A mobilidade está presente desde que nascemos e está em todos os momentos da nossa vida, iniciando no colo da mãe. As informações de O&M recebidas do meio e do professor que são realizadas com a criança através dos movimentos é que favorecem a autonomia, independência e comunicação futura da criança com surdocegueira.

Em sua experiência profissional a pesquisadora junto a Instituição especializada no atendimento a crianças com surdocegueira tem reiterado que a orientação é fundamental para a independência do movimento e que neste contexto, as pistas e pontos de referências são de grande importância. As pistas são a informação sensorial que se recebe do ambiente e os pontos de referência são objetos permanentes que se encontram no espaço e a criança com surdocegueira poderá utilizar-se de pistas e pontos de referência para conhecer o ambiente. Os ambientes nos quais a criança se encontra também podem favorecer a aprendizagem sendo fundamental para a intervenção permitir que a criança vivencie uma variedade de experiências positivas e necessárias para promover o movimento independente e entender o seu meio. É através das experiências, introdução de técnicas, adaptação de matérias e ambientes que essa exploração irá acontecer.

Os sentidos que a criança com surdocegueira faz uso são os que fornecem informações mais próximas do ambiente, como o tato, olfato e paladar. É importante, portanto desenvolver nas crianças capacidades para identificar e discriminar texturas, cheiros, sabores que estão presentes no ambiente que a criança com surdocegueira está inserida de uma forma natural.

O adulto facilitador desse processo pode analisar o ambiente, identificando as oportunidades para a criança experimentar diferentes situações e atividades necessárias para que ela desfrute e mantenha um controle sobre seu mundo. É

preciso conhecer os outros locais em que essa criança freqüenta, sobretudo para as que dispõe de resíduo visual, estando atento às condições que o ambiente oferece em relação a:

- Contraste;
- Iluminação.

É importante verificar como esse ambiente está organizado e avaliar se é necessário realizar possíveis adaptações para a permanência dessa criança no ambiente. Todos esses detalhes fazem parte desse processo.

Além disso, todo esse processo deve levar em consideração a motivação que a criança apresenta, respeitando o que ela gosta e o que ela não gosta; fator esse essencial para a aprendizagem.

Atividades organizadas e com rotinas consistentes podem fornecer a antecipação do que vai acontecer a seguir.

1.5.4 Pré-requisitos para que uma criança acompanhe um programa de orientação e mobilidade

Para que o desenvolvimento da orientação e mobilidade seja efetivo e ocorra de acordo com as necessidades da criança, é importante a utilização de alguns pré-requisitos como aquisição de aspectos psicomotores, organização de informações em relação ao ambiente, movimento, temperatura, diferentes texturas e alguns objetos para auxiliar a locomoção e contribuir para o desempenho dessa atividade.

O professor e a família estão diretamente ligados nesse processo. Todas as atividades fazem parte e estão integradas na vida diária dessa criança. Assim, a família e/ou cuidadores responsáveis e profissionais devem proporcionar o apoio necessário para que ela se torne o mais independente possível.

Para tal, as seguintes áreas precisam ser trabalhadas:

1.5.4.1 O tato

De acordo com Galahue e Ozmun (2001), através do sistema tátil é possível ajudar a interpretar as sensações de toque e as informações recebidas podem ser usadas como forma de proteção ou discriminação, tais quais: dor, toque leve, temperatura, bem como algumas das sensações que se experimenta por meio de sistema tátil, ajudam também a pessoa a se conscientizar do próprio corpo e de como ele se movimenta no espaço.

É importante que a criança com surdocegueira aprenda a explorar livremente, experimente e se acostume com diferentes sensações. As crianças precisam aprender a tocar, obter o significado e desfrutar da exploração.

A limitação visual e auditiva leva as crianças com surdocegueira a recorrerem ao tato, sendo necessário ajuda para organizá-lo. O tato é importante para fornecer as informações relacionadas à: tamanho, forma, texturas, temperatura, dos objetos. Estas sensações devem ser agradáveis proporcionando o toque no corpo da criança para que futuramente se introduza texturas. O toque pode vir através do abraço, brincadeiras corporais com músicas, para aos poucos iniciar a exploração do corpo da criança. Todas as partes do corpo podem ser tocadas e trabalhadas. A criança pode experimentar tocando os objetos envolvidos na atividade, proporcionando experiências onde inclui o toque em diversas formas, tamanho e texturas. Utilizar objetos que já estão no cotidiano da criança pode facilitar a introdução de novos objetos.

A criança com surdocegueira pode desfrutar desses momentos, através da exploração de objetos, até identificá-los. Quando ocorre recusa a determinada textura, deve-se ressaltar a importância de continuar com o trabalho para que futuramente essas dificuldades não causem medo para a criança.

De acordo com Sá, Campos e Silva (2007) a experiência tátil não se limita ao uso das mãos. O olfato e o paladar funcionam conjuntamente e são coadjuvantes indispensáveis. Esses autores relatam ainda sobre o sistema háptico que é o tato ativo, constituído por componentes cutâneos e sinestésicos, através dos quais impressões, sensações e vibrações detectadas pelo indivíduo são interpretadas pelo cérebro como fontes de informação. Exemplo disso seria: as retas, curvas, volume, a rugosidade, a textura, a densidade, as oscilações térmicas e dolorosas,

propriedades que geram sensações táteis e imagens mentais importantes para a comunicação, a estética, a formação de conceitos e de representações mentais.

1.5.4.2 Olfato

É o sentido que oferece pistas sobre os variados cheiros de ambientes e auxilia no reconhecimento de lugares (GIACOMINI, 2008, p. 31).

Esse sentido é importante em relação à orientação e mobilidade. Locais, pessoas e objetos podem ser identificados através do olfato, por exemplo: a cozinha tem um cheiro específico, o banheiro, a padaria...

Fellipe e Fellipe (1997) confirmaram a importância do olfato para a orientação e mobilidade quando relataram que ele pode auxiliar na identificação, discriminação, interpretação e localização de odores, auxilia também nas pistas no meio ambiente facilitando a localização de estabelecimentos comerciais e alertando para situações de riscos (cheiro de gás, fumaça, queimado) etc.

A oferta de várias fragrâncias durante a atividade de forma organizada e funcional pode contribuir nesse processo.

1.5.4.3 Visão

Na tentativa de explicar sobre a importância que a visão tem na vida dos seres humanos, autores citam características que obtemos do mundo através do canal sensorial da visão.

Sá, Campos e Silva (2007, p. 15) relataram que:

A criança que enxerga estabelece uma comunicação visual com o mundo exterior desde os primeiros meses de vida porque é estimulada a olhar para tudo o que está a sua volta, acompanhando o movimento das pessoas e dos objetos sem sair do lugar. A visão reina soberana na hierarquia dos sentidos e ocupa uma posição proeminente no que se refere a percepção e integração de formas, contornos, tamanhos, cores e imagens que estruturam a composição de uma paisagem ou de um ambiente. É o elo de ligação que integra os outros sentidos, permite associar som e imagem, imitar um gesto ou comportamento e exercer uma atividade exploratória circunscrita a um espaço delimitado.

Na criança com surdocegueira a visão pode não ter todas essas funções citadas, entretanto, se houver o resíduo visual é essencial que nas atividades desenvolvidas esteja incluso esse treinamento. Deve-se levar em consideração fatores como:

- o que esta criança pode ver;
- qual é a distância que a criança vê;
- como a criança se locomove nos ambientes em que está inserida;
- que outras atividades podem estimular a criança a usar a visão;

Ademais, atividades que proporcionem o uso funcional da visão residual da criança e conversas sobre o que existe no ambiente, podem ser realizadas.

1.5.4.4 Audição

O uso desse sentido irá variar de acordo com o potencial da criança e o quanto ela escuta e aproveita auditivamente. Algumas crianças podem apresentar incomodo ao escutar determinado som.

A audição pode ser desenvolvida em atividades para a localização do som, identificando de onde vem. A discriminação auditiva é outra habilidade a ser trabalhada nas atividades diferenciando os tipos de sons.

Para a orientação e mobilidade é também fundamental o uso da visão, no caso da criança com surdocegueira, que precisa ser estimulada a utilizar os sentidos residuais da visão e audição a fim de ajudá-la a interpretar as informações sensoriais fornecidas pelo ambiente para mover-se intencionalmente.

1.5.4.5 Percepção Corporal

Gallahue e Ozmun (2001, p. 368) definiram o termo “percepção corporal” como:

Termo freqüentemente usado em conjunto com os termos “imagem corporal” e “esquema corporal”. Todos os termos referem-se à capacidade, em desenvolvimento na criança, de discriminar com exatidão suas partes corporais.

A criança com surdocegueira pode desfrutar de atividades lúdicas que desenvolvam consciência corporal para que ela possa compreender que tem um corpo; que seu corpo tem tamanho e peso, que cresce e ocupa espaço, que diferentes partes executam diferentes movimentos. Através de toques e brincadeiras corporais podemos contribuir para que a consciência sobre seu corpo seja associada ao movimento.

1.5.4.6 Explorando o movimento e as partes do corpo

Sánchez, Martínez, Peñalver (2003, p. 33) afirmaram:

O movimento é intrínseco à vida. Fonte de aprendizado permite a aquisição de experiências que se convertem, por complexidade, em objetivos e finalidades. Descobrir as sensações de prazer e bem estar que o próprio corpo proporciona é fundamental para que a criança possa se conhecer e evoluir, desenvolvendo cada vez mais suas competências.

É essencial que a criança surdocega desenvolva a consciência do outro e do meio. Após a criança desenvolver uma imagem corporal e formar a consciência sobre as partes do corpo ela irá desfrutar a exploração do movimento de seu próprio corpo.

Nas idades precoces deverá existir uma preocupação de assegurar um papel de facilitação da ação, permitindo que cada criança tenha acesso à diversificação de experiências de movimento, na exploração direta de espaço e de materiais (NETO 1999).

Conhecer as características e necessidades da criança com surdocegueira é entender que esse processo acima citado não é uma tarefa muito fácil para a criança, simplesmente pelo fato de que ela não irá realizar a imitação dos padrões de movimentos de outros. Esse desafio do modelo será o professor que irá fornecer à criança. E é por meio do toque, da realização de atividades repetidas e apropriadas para o corpo da criança que vai ocorrer esse processo.

É pela consciência de movimentos que a criança pode começar a explorar todas as maneiras de se mover no espaço e começar a compreender o mundo com a independência que for possível para ela.

A aprendizagem dos conceitos e habilidades pode permitir a criança a vivenciar experiências necessárias para desenvolver o movimento independente e assim aprender a desenvolver tudo sobre o seu mundo. (TRONCOSO, 2008).

Se o ambiente for estimulante sensorialmente, irá favorecer a criança a desenvolver a consciência do seu meio para orientar-se no espaço. Esse ambiente pode ocorrer por meio de brincadeiras que o professor passa para a criança favorecendo a construção da consciência do seu corpo em relação ao espaço.

1.5.4.7 Corpo e espaço

Corpo e espaço encontram-se numa dialética permanente de interações sucessivas, proporcionando uma organização sistemática das atitudes e comportamentos humanos de acordo com o equilíbrio do espaço interior (próprio) que caracteriza com particularidade cada indivíduo nas suas relações de ordem laboral (instrumentos-objetos) e relacional (pessoas-afetividade) (NETO, 1999, p. 99).

Assim se o ambiente for agradável, organizado e estimulante é possível ajudar a criança com surdocegueira a desenvolver a consciência do ambiente, oferecendo espaços sensoriais que promovam a brincadeira sensorial envolvendo o seu corpo em relação a objetos, facilitando para ela, aos poucos, perceber o espaço e ir se orientando em relação a objetos e pessoas, expandindo as relações espaciais. Essas brincadeiras devem estimular também o sentido visual, auditivo e tátil.

1.5.4.8 Construção do mapa mental

Crianças videntes realizam a construção de um mapa mental facilmente quando se locomovem pelos ambientes e visualizam tudo que está no ambiente.

Para realizar essa tarefa, a criança com surdocegueira precisará do auxílio de um adulto que irá favorecer a exploração do ambiente, de várias posições e quantas vezes forem necessárias para ela. Para a criança conseguir construir conceitos espaciais será necessário utilizar a forma de comunicação específica da criança

para informar nome e posições dos objetos. Em seguida, quando a criança começar a se locomover independente, poderá utilizar as relações espaciais para iniciar a construção do mapa mental.

No início pode ser que a criança não realize as generalizações destas informações para novas situações, mas a criança com surdocegueira poderá aprender a organizar o ambiente na qual está inserida diariamente.

Ser consistente na informação e demonstração dos locais e posições de móveis, quando a criança com surdocegueira começar a engatinhar ou a andar, favorece a movimentação segura e permite à criança melhor reconhecimento do espaço. O mapa mental irá acontecer quando a criança iniciar a locomoção no ambiente e perceber o posicionamento consistente de objetos e móveis do ambiente.

1.5.4.9 Desenvolvimento de noções de tamanho e forma

O desenvolvimento de noções de tamanho e forma está ligado ao desenvolvimento cognitivo em geral, como compreensão de tamanhos, formas e funções dos objetos, assim como as relações espaciais e de posição.

Fellipe e Fellipe (1997) ressaltaram a importância de oferecer à criança uma variedade de conceitos, porém o profissional deverá estar atento ao estágio de maturação em que ela se encontra e ao momento em que estará mais apta para aceitar e absorver este aprendizado.

Através de uma brincadeira a informação pode ser oferecida.

1.5.4.10 Desenvolvimento de noções de tempo e distância

Citando ainda Sánches, Martinez, Peñalver (2003), a construção da noção de tempo não é percebida através dos sentidos, não é vista nem tocada, unicamente se percebe os acontecimentos que ocorrem, as ações, os movimentos, a velocidade e o ritmo, de maneira que perceber o tempo está vinculado ao conceito de sucessão, à percepção do sucessivo como unidade, sendo esses conceitos adquiridos juntos com os de orientação espacial.

Pode-se associar o conceito de tempo através da rotina diária da criança. Através da estruturação de rotina a criança é capaz de antecipar a próxima atividade. Conversar com a criança sobre o que ela está fazendo agora e o que irá fazer depois contribui para desenvolver esse conceito.

Informações sobre distâncias podem ser oferecidas através da locomoção que se realiza no ambiente; pode-se também utilizar pistas com texturas para melhorar a compreensão da criança.

Para a criança com surdocegueira somente a informação do som não será suficiente para informar pistas sobre a distância.

1.5.4.11 Destrezas Motoras Grossas e Finas

Inclui as destrezas motoras grossas e finas. Deve-se melhorar as destrezas motoras grossas e finas da criança, incluindo: o caminhar, o correr e o movimento das mãos.

Controle de cabeça, controle do tronco, girar, engatinhar, parar e caminhar formam a base das destrezas de mobilidade. Deve-se proporcionar atividades para que a criança com surdocegueira possa fortalecer os músculos do corpo e adquirir conceitos necessários sobre as partes do seu corpo e saber usá-las.

Se a criança com surdocegueira ainda não anda, e se mantém em uma única postura pode-se oferecer uma mudança de posição do corpo, se autorizado pelo médico, estimulando a movimentação. Além de ser bom para ela, irá também favorecer a orientação e mobilidade.

Atividades que envolvam postura, equilíbrio, passo, ritmo e coordenação devem estar incluídos nesse treinamento.

Se possível estimular o equilíbrio através de objetos específicos proporcionando estabilidade fazendo com que a criança seja mais independente ao se locomover.

Algumas crianças com surdocegueira apresentam posturas e passos característicos como, por exemplo, andar arrastando os pés no chão. Isso acontece talvez pela insegurança gravitacional. É possível realizar atividades que proporcionem o equilíbrio e facilitem a marcha.

A postura de cabeça da criança surdocega muitas vezes é baixa, trazendo conseqüências para a coluna e dificultando na locomoção. Essa criança poderá não caminhar em linha reta, o movimento de exploração com as suas mãos e até mesmo na forma de expressar e receber informações do ambiente pode ser prejudicado.

Algumas crianças podem apresentar a cabeça erguida para trás, porque buscam constantemente a luz. Controlar a luz do ambiente fazendo com que a criança posicione a cabeça, também é uma estratégia que deve ser incluída nesse trabalho.

1.5.4.12 Habilidades de alcançar e agarrar

Coriat (2001) ao descrever o aprendizado motor manual relatou sobre o conjunto das experiências vitais: se a criança recebeu e recebe de maneira adequada alimento, abrigo, afeto; se sente que essas coisas lhe são dadas quando necessárias para satisfazê-la física e psiquicamente, por sua vez saberá dar, entregar e oferecer o que valoriza, assim que sua maturidade psicomotora a capacite para tal. Do contrário, nesse aspecto da conduta, evidenciará um retardo motor aparente, mas que na realidade é emocional, produzidos por erros, às vezes sutis, nas relações interpessoais.

O desenvolvimento das habilidades motoras da criança surdocega de alcançar e agarrar é um aspecto que deve ser considerado e ser estimulado na intervenção. Esse comportamento acontece naturalmente em crianças que são videntes e ouvintes, no entanto a criança com surdocegueira pode deixar de tentar alcançar e agarrar os objetos e pessoas por não saberem da sua existência. Para favorecer a exploração do ambiente deve-se intervir dando oportunidades para a criança de desenvolver habilidades motoras de alcançar e agarrar em contextos naturais do dia-a-dia de forma lúdica.

As mãos são as partes do corpo que mais se encarregam das funções dos olhos e ouvidos de uma pessoa surdocega (Cf. MILES, 2003).

1.5.4.13 Deslocamento em ambiente

O deslocamento pode ser prejudicado pela falta de motivação. Medo e insegurança ao desconhecido podem ser sentimentos vivenciados pela criança no momento de se deslocar em um ambiente. O adulto poderá ajudar a criança desenvolvendo diferentes atividades nos ambientes onde a criança se encontra inserida. Essa ajuda pode acontecer por meio de pessoas e objetos.

Os objetos podem oferecer à criança com surdocegueira um aumento na independência servindo de anteparo a obstáculos que estão no percurso. Podemos utilizar, no caso de crianças que apresentam capacidades motoras e cognitivas, equipamentos adequados como:

- carrinho de boneca;
- carrinho de madeira;
- triciclo;
- bambolê;
- material adaptado feito com cano de PVC, chamado de pré-bastão.

A criança deve mostrar condições para segurar o equipamento de forma natural, com equilíbrio, atenção, atitude e motivação para se movimentar no ambiente. Deve-se escolher o equipamento apropriado e se for necessário realizar algumas adaptações para facilitar o contato da criança com obstáculos.

A exploração da casa da criança é essencial. Deve-se escolher um espaço que a criança utiliza freqüentemente, orientando-a em relação a objetos fixos e móveis desse espaço, podendo iniciar essa exploração partindo da área em que ela mais gosta de ficar. A informação deve acontecer passo a passo para garantir que todas as informações estejam sendo fornecidas e que a exploração é suficiente para a criança. Os ambientes podem oferecer diferentes informações e devem ser exploradas quantas vezes forem necessárias para a criança com surdocegueira.

1.5.4.14 Comunicação

A criança com surdocegueira pode apresentar diferentes formas para receber e expressar a informação, expressar idéias, desejos e necessidades. Comunicar envolve oferecer atenção ao próximo assim como responder-lhes de alguma forma.

As questões relacionadas à comunicação podem ser abordadas sobre vários aspectos. O planejamento das áreas, para oferecer informações e para a criança recebê-la, organizá-la e dispor de algumas noções, deve ser levado em conta.

Além disso, deve-se buscar introduzir a forma de comunicação mais adequada para cada criança.

Cormedi (2005, p. 36) descreveu:

O mundo para a criança com surdocegueira é proximal e as mãos adquirem extrema importância para a comunicação. Quando há possibilidade visual, a língua de sinais pode ser o instrumento. Se não há resíduo visual funcional para essa forma de comunicação, então o toque é essencial para que o surdocego perceba que pode comunicar pelas mãos.

A partir dos dados expostos cabe chamar atenção para outras formas apresentadas para a criança com surdocegueira:

- Utilizar um sistema de comunicação adequado às capacidades da criança proporcionando a ela compreensão das mensagens enviadas nas atividades de O&M promovendo a autonomia e independência, realizando o seguinte: utilização de pistas táteis, pistas de objetos e/ou pistas através de imagens; utilização de pistas que antecipe a necessidade de comunicar o fato de precisar se deslocar a um determinado lugar, por exemplo: se a criança gosta de ir à piscina, utilizar em um cartão o objeto que mais representa a ida até a piscina, como a touca no cartão. Essas pistas devem ir diminuindo à medida que a criança se torna mais autônoma.
- Em caso de crianças que estão em uma fase mais simbólica da comunicação, ou seja, já compreende desenhos, imagens, símbolos ou fotos, pode-se construir um livro de mobilidade que contenha informações relacionadas aos conceitos. E com os objetos existentes no percurso podem ser utilizados como parte do sistema de comunicação. Por exemplo, as pistas como uma pedra que se encontra no caminho do

passeio pode ser inserida em um livro onde existem as instruções para a criança percorrer determinado caminho enriquecido com mais uma pista.

Todo esse processo pode ajudar e facilitar o contato da criança com surdocegueira com o mundo antecipando e confirmando determinado local, objeto ou atividade.

1.5.4.15 Participação da Família e/ou Cuidador

A família é fundamental em todo esse processo. É através desses responsáveis que se obtêm o maior conhecimento dessa criança, que se entende e se sabe sobre sua rotina. A família e/ou cuidadores permanecem a maior parte do tempo com essa criança e são eles que irão proporcionar na maior parte do tempo o desenvolvimento de que ela necessita.

É nessa família e/ou cuidador que a criança tem a confiança inicial. Fazer parte da equipe de atuação é essencial para ambas à família e/ou cuidadores e a criança.

Nas palavras de Sánches, Martinez, Peñalver (2003, p. 11):

A família é, para a criança o primeiro núcleo de convivência e de atuação, é nesse núcleo que aos poucos vai formando sua construção como pessoa a partir das relações estabelecidas e, conforme são atendidas suas necessidades básicas. Esse processo de construção de sua identidade ocorrerá estilo próprio de cada núcleo familiar e social.

Relatam ainda, os autores citados, que os pais (os primeiros cuidadores) estabelecerão um vínculo, uma sintonia com a criança que lhes permitirá interpretar aquelas demandas de atenção e de cuidado de que seu filho(a) precisa em cada momento.

A criança cresce tendo os membros da família e/ou cuidadores como modelo para o seu desenvolvimento global. A participação da família é fundamental em todas as etapas da vida da criança, e não seria diferente para a criança com surdocegueira que necessita principalmente nos primeiros anos de sua vida da família e/ou cuidador como membro fundamental para formação de sua identidade e desenvolvimento.

Nos relatos de Palacios (2002) o trabalho com a família tem como objetivo desenvolver estratégias de capacitação que permitam a cada família adquirir as habilidades práticas para lidar com as necessidades da criança.

É fundamental lembrar que essas destrezas são importantes para o desenvolvimento global dessa criança.

Acredita-se ser esse o caminho, na medida em que o profissional tem a percepção clara das características e necessidades da criança com surdocegueira para a partir daí pensar nos objetivos e poder planejar atividades interessantes e motivadoras a essa criança na direção desses objetivos. Dessa forma o trabalho pode ser benéfico para toda a equipe colaborativa, incluindo a família.

E finalmente, para completar os componentes que possibilitam uma efetiva orientação e mobilidade para a criança com surdocegueira apresenta-se a seguir um programa de ação para criança de 2 a 4 anos.

1.5.5 Síntese dos pré-requisitos para criança de 2-4 anos acompanhar programa de O&M

De acordo com os dados citados, a intervenção precoce é o início de uma orientação eficaz, oferecendo o acolhimento e a tranquilidade que a família precisa e favorecendo o bom desempenho da criança no futuro.

Uma avaliação adequada, seguida por um programa amplo de intervenção, deve conduzir ao melhor uso dos sentidos que a criança dispõe e também de suas destrezas de comunicação e mobilidade.

Estas crianças devem receber serviços especializados, tais como modelos alternativos de comunicação, treinamento sensorial funcional, e orientação e mobilidade. Os bebês com surdocegueira podem participar de uma variedade de programas. No entanto, é crucial que se coloque à disposição de quem está diretamente ligado aos cuidados do bebê, incluindo os membros da família, informações e instruções suplementares para o desenvolvimento das aptidões das crianças (Cf. MICHAL; PAUL, 1987).

Segundo Michael e Paul (1987), as seguintes recomendações são dadas:

- É necessário adequar na programação da criança à utilização dos sentidos de que ela dispõe;
- O desenvolvimento de programas de formação de profissionais apropriados é importante; não só devem envolver o manejo da deficiência auditiva e visual, mas também os métodos de como melhorar a capacidade de aproveitamento do desenvolvimento global da criança com surdocegueira;
- Os profissionais necessitam de investigação para ajudar as crianças a adquirir destrezas sensoriais funcionais para que sejam mais independentes;
- Os pais ou outros membros que cuidam da criança devem estar envolvidos o mais precocemente possível para desenvolver e descobrir um meio de comunicação.

Quando a criança apresenta capacidade de deslocamento mais autônoma, é possível ensinar algumas técnicas de Orientação e Mobilidade respeitando as necessidades individuais da criança dentro de contextos naturais e significativos, para que ela se movimente com segurança.

Segue o programa estabelecido por Gense e Gense (2004) que consta de:

a) Avaliação Inicial

A avaliação de orientação e mobilidade deve fazer parte do Programa Educativo Individual do aluno. O profissional responsável pela orientação e mobilidade precisa estar junto com os profissionais para identificar e implementar as necessidades do programa, que deve conter os seguintes dados na avaliação:

- Observação informal da criança, realizada nos meios naturais em que a criança se encontra (casa, escola etc.);
- Avaliação da comunicação e as adaptações necessárias da comunicação;
- Entrevista com os familiares e/ou cuidadores;
- Avaliação formal das destrezas de orientação e mobilidade;
- Avaliação das modalidades de aprendizagem;
- Avaliação das preferências da criança;

- Avaliação sobre o desenvolvimento de habilidades sensoriais, cognitivas e destrezas motoras (grossas e finas).

b) Análise do Ambiente

A análise do ambiente é um componente de extrema importância no processo de avaliação. É preciso avaliar o ambiente para a segurança da criança. Também será necessária a verificação de qualquer modificação que possa ocorrer no ambiente para facilitar a movimentação da criança no espaço físico.

Pensar na proposta desta obra é favorecer e dar o direito à criança com surdocegueira de ter melhores condições no desenvolvimento global e principalmente na orientação e mobilidade, garantindo a sua independência e autonomia no deslocamento.

CAPÍTULO 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa pautou-se pelo referencial metodológico da pesquisa qualitativa por ser mais apropriada aos objetivos a que nos propusemos. Para a coleta de dados junto às famílias e/ou cuidadores e professoras que atendem a criança com surdocegueira utilizamos a entrevista estruturada com o objetivo de obter respostas consistentes às questões que requeriam esclarecimentos, pois segundo essas autoras, ela “é usada quando se visa à obtenção de resultados uniformes entre os entrevistados” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Para essas autoras, a entrevista é um dos instrumentos básicos para a coleta de dados na pesquisa qualitativa, sendo uma das principais técnicas utilizadas nas ciências sociais. A entrevista permite captar a informação imediata, esclarecer e adaptar questões quando necessário. A entrevista estruturada assegura que o foco da atenção se mantenha no tema discutido, por meio de perguntas feitas na mesma seqüência a todos os entrevistados. Essa opção pela entrevista estruturada, concordando com essas pesquisadoras, pareceu-nos o tipo de entrevista mais adequado para esta pesquisa em educação, pois as informações que se queria obter e os informantes que se queria contatar eram mais convenientemente abordáveis com um instrumento mais uniforme. Segundo afirmam, na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma influência entre quem pergunta e quem responde.

Com base nestes pressupostos buscamos levantar os dados e analisá-los.

2.1 PROCEDIMENTOS

O projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Após aprovação do Comitê de Ética foi realizado contato com a direção da Instituição Associação para Deficientes da Áudio Visão (ADefAV) sobre o Projeto, e entregue a Carta de Informação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido,

(ANEXO 1) ao Diretor para concordância e autorização da realização da investigação naquela Instituição.

Foi realizada a escolha dos sujeitos e contato com os professores e as famílias conforme critérios estabelecidos neste trabalho e a entrega da carta de Informação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 2) que foi assinado pelos sujeitos de pesquisa, responsável pela criança com surdocegueira.

Os horários das entrevistas foram agendados juntamente com a direção da Instituição e a disponibilidade de cada sujeito.

2.2 SUJEITOS

Os sujeitos desta investigação foram professoras e familiares e/ou cuidadores de 3 crianças surdocegas congênitas, na faixa etária de 2 a 4 anos, atendidas na Associação para Deficientes da Áudio Visão (ADefAV), instituição especializada no atendimento de pessoas com surdocegueira e deficiências múltiplas.

Existem nesta instituição muitos profissionais de diversas áreas atuando com esses alunos. A escolha para a pesquisa foi por profissionais atuantes na área da pedagogia, que atuam diretamente com alunos no início de sua educação, assim como o fazem os membros da família.

O critério para eleição dos sujeitos foi assim definido:

- 3 pedagogos que atuam exercendo a função de professores de crianças com surdocegueira congênita pertencente à ADefAV;
- 3 Familiares e/ou Cuidadores dessas crianças.

Critérios para inclusão dos sujeitos:

- Professores atuando há pelo menos 6 meses com a criança de idade entre 2 e 4 anos;
- Familiares e/ou cuidadores de crianças que participam do programa institucional da ADefAV.

Para identificação da trajetória do pedagogo na educação de crianças com surdocegueira foram coletados os dados expostos a seguir no Quadro 1.

Quadro 1 - Identificação dos pedagogos

Professor	Sexo	Idade	Curso de Graduação	Ano de Conclusão	Tempo de Magistério	Tempo como professor de alunos com surdocegueira
1	F	24	Pedagogia	2006	1 ano	1 ano
2	F	34	Pedagogia	1997	2 anos	5 anos
3	F	37	Pedagogia	2005	1 ano	1 ano

Para identificação dos membros da família e/ou cuidadores e para esclarecer melhor o contato como o informante, foram coletados os dados expostos no Quadro 2.

Quadro 2 - Identificação dos familiares e/ou cuidadores

Cuidador	Informante	Sexo	Idade	Nível Instrucional	Número de filhos	Posição na prole
1	Mãe	F	28	2º grau	1	Primeira
2	Mãe	F	34	2º grau	2	Último
2	Babá	F	30	1º grau	2	Último
3	Mãe	F	38	2º grau	1	Primeiro

2.3 LOCAL

A pesquisa foi realizada na Associação para Deficientes da Áudio Visão (ADefAV), tanto com os professores como com os familiares e /ou cuidadores.

2.4 COLETA DE DADOS

2.4.1 Materiais e equipamentos

O material utilizado na entrevista foi:

- Um gravador portátil da marca Panasonic

- Seis fitas da marca Sony microcassete MC-60

2.4.2 Recursos

A entrevista foi o recurso utilizado neste trabalho, tendo um questionário com perguntas de respostas abertas que direcionavam a obtenção das informações de cada um dos grupos de sujeitos.

Foi feita a escolha pela entrevista com questionário com perguntas de respostas abertas para que o entrevistador mantivesse o foco da atenção no tema discutido e os entrevistados pudessem expressar suas próprias opiniões e experiências. As entrevistas foram gravadas com o consentimento de cada sujeito.

2.4.2.1 Questionário de entrevista para professores

O questionário elaborado para a entrevista com os professores, constituído de 16 itens, objetivou:

- Identificar as atividades que estimulam e facilitam o movimento e a exploração do corpo para crianças com surdocegueira congênita.
- Identificar as adaptações no espaço e nos materiais necessárias para que as crianças com surdocegueira congênita se beneficiem da locomoção no ambiente.

2.4.2.2 Questionário de entrevista para familiares e/ou cuidadores

O questionário elaborado para a entrevista com os familiares e/ou cuidadores, constituído de 9 itens, objetivou:

- Identificar as atividades desenvolvidas pela família que estimulam e facilitam o movimento e a exploração do corpo pelas crianças com surdocegueira congênita.

- Identificar as adaptações no espaço e de materiais que foram realizadas para atender às necessidades dessa criança no lar.

2.4.2.3 Pesquisa documental

A pesquisa documental foi realizada apenas para a seleção das crianças com surdocegueira e feita por meio de consulta aos prontuários da instituição, acompanhada pela coordenação da instituição.

2.4.2.4 Realização das entrevistas

As entrevistas aconteceram individualmente e em um único momento com cada sujeito. Tiveram a duração média de:

- 15 a 20 minutos, com cada familiar e/ou cuidador.
- 20 a 30 minutos, com cada profissional.

2.5 ANÁLISE DE DADOS

Os dados das entrevistas foram registrados por escrito e, após repetidas leituras, organizados de acordo com as duas situações:

- Situação que prepara a criança para a orientação e mobilidade no deslocamento.
- Situação em que a criança não recebe nenhuma orientação em relação à mobilidade e deslocamento.

A análise dos dados das entrevistas, dos profissionais e dos familiares e/ou cuidadores, foi realizada em três etapas, sendo elas:

Primeira Etapa

Levantamento das categorias, a partir da leitura das respostas das entrevistas de cada sujeito:

- Interesse e necessidade do aluno
- Ambiente facilitador
- Canal de recebimento da informação
- Comunicação receptiva e expressiva
- Conhecimento sobre O&M
- Adaptação do ambiente
- Independência e autonomia
- Compreensão sobre a orientação da criança
- Realiza atividade com a criança
- Formas de exploração da criança sobre o que a cerca

Segunda Etapa

Quadros de categorização dos dados selecionados dos trechos das respostas dos entrevistados.

Quadros de convergências e divergências.

Terceira Etapa

Reflexão a partir do referencial teórico.

2.5.1 Quadros de categorização dos dados selecionados dos trechos das respostas dos entrevistados

Sujeito 1: Recortes de trechos da entrevista com professor (ANEXO 3) relacionados com as categorizações

Quadro 3A - Sujeito 1 dos professores: Situação que prepara a criança para a orientação e mobilidade no deslocamento

Descrição das situações	Categorização
- "Através das necessidades do aluno" - "Interesse e prazer nas atividades que envolvam movimento e necessidade de adquirir marcha..." - "Se arrasta de bumbum até o objeto que tem interesse"	Interesse e necessidade do aluno
- "Inicia a marcha com auxílio e com pistas táteis do ambiente (Corrimão)" - "Se arrasta de bumbum até o objeto que tem interesse"	Formas de exploração da criança sobre o que a cerca
- "Roda , circuito, parque e brinquedoteca"	Realiza atividade com a criança
- "Roda , circuito, parque e brinquedoteca" - "Escola, casa e Lazer" - "Inicia a marcha com auxílio e com pistas táteis do ambiente (Corrimão)" - "Se arrasta de bumbum até o objeto que tem interesse"	Ambiente facilitador
- Gustativo e tato	Canal de recebimento da informação
- "Através de movimentos corporais, gestos isolados, gestos com movimentos..." - "... Através de vocalizações, expressões faciais e movimentos corporais"	Comunicação receptiva e expressiva
- "Interesse e prazer nas atividades que envolvam movimento e necessidade de adquirir marcha" - Inicia a marcha com auxílio e com pistas táteis do ambiente (Corrimão)	Compreensão sobre a orientação da criança
- "Inicia marcha com o auxílio e com pistas táteis" - "Rastreia o ambiente através de pistas e objetos concretos"	Adaptação do ambiente
- "Ele vai sozinho" - "...No pula-pula ele vai sozinho" - "Se desloca e entra" - "Interesse e prazer nas atividades que envolvam movimento e necessidade de adquirir marcha" - " Ainda não tem essa resposta" - Inicia a marcha com auxílio e com pistas táteis do ambiente (Corrimão)" - "Se arrasta de bumbum até o objeto que tem interesse"	Independência e autonomia
- "Interesse e prazer nas atividades que envolvam movimento e necessidade de adquirir marcha" - "É ajuda a perceber e a se movimentar no ambiente" - Inicia a marcha com auxílio e com pistas táteis do ambiente (Corrimão)	Conhecimento sobre orientação e mobilidade

Quadro 3B - Sujeito 1 dos professores: Situação em que a criança não recebe nenhuma orientação em relação a mobilidade e deslocamento

Descrição das situações	Categorização
- "Exploração primitiva com a boca"	Falta informação sobre outros canais de recebimento da informação
- "...Se arrasta de bumbum até o objeto"	Falta informação sobre independência e autonomia

Sujeito 2: Recortes de trechos da entrevista com professor (ANEXO 4) relacionados com as categorizações

Quadro 4A - Sujeito 2 dos professores: Situação que prepara a criança para a orientação e mobilidade no deslocamento

Descrição das situações	Categorização
- "Através do tato ela procura sentir tocar e sentir as vibrações sonoras ou táteis, tudo através do tato"	Interesse e necessidade do aluno
- "...Contexto real da criança..." - "Ambiente de sala de aula, parque, brinquedoteca, sala de Educação Física e refeitório" - "Escola, casa e lazer" - "...Adaptações em relação às questões visuais no caso cores, texturas, contrastes"	Ambiente facilitador
- "Através do tato ela procura sentir tocar e sentir as vibrações sonoras ou táteis, tudo através do tato"	Forma de exploração da criança sobre o que a cerca
- "Atividades significativas" - "...Eu ofereço dois objetos que representa diferentes atividades e ela escolhe a que mais gosta ou a que mais tem interesse" - "...Adaptações em relação às questões visuais no caso cores, texturas, contrastes" - "Ela chega participa da roda de música, realiza circuito motor, explora atividades de textura, explora atividades de artes com pintura ou colagem e depois realiza atividade no parque na cama elástica ou na brinquedoteca"	Realiza atividade com a criança
- "...Eu ofereço dois objetos que representa diferentes atividades e ela escolhe a que mais gosta ou a que mais tem interesse" - "...Pistas táteis para que ela se localize no espaço" - "Através do tato" - "Através do tato ela procura sentir tocar e sentir as vibrações sonoras ou táteis, tudo através do tato"	Canal de recebimento da informação
- "...Intenções de movimento, tanto para atividades motoras, como para atividades com artes" - "...Objetos de referência que representa atividades a ser realizada, no caso eu ofereço dois objetos que representa diferentes atividades e ela escolhe a que mais gosta ou a que mais tem interesse" - "A comunicação receptiva ela é através dos objetos concretos que antecipam as atividades da criança e a expressiva é através das intenções de movimentos, por exemplo quando a gente está no balanço que eu falo	Comunicação receptiva e expressiva

<p>que acabou ela balançar as mãozinhas pedindo mais”</p> <ul style="list-style-type: none"> - ...”Pistas táteis para que ela se localize no espaço” -...Eu ofereço dois objetos que representam diferentes atividades e ela escolhe a que mais gosta ou a que mais tem interesse - “A comunicação receptiva ela é através dos objetos concretos que antecipam as atividades da criança e a expressiva é através das intenções de movimentos, por exemplo, quando a gente está no balanço que eu falo que acabou ela balançar as mãozinhas pedindo mais” 	
<ul style="list-style-type: none"> - ...”Eu ofereço dois objetos que representam diferentes atividades e ela escolhe a que mais gosta ou a que mais tem interesse” - ...Pistas táteis para que ela se localize no espaço - ...Adaptações em relação às questões visuais, no caso cores, texturas, contrastes 	Compreensão sobre a orientação da criança
<ul style="list-style-type: none"> - “...Em relação ao ambiente são as pistas táteis para que ela se localize no espaço. “ [...] Em relação a materiais são as adaptações em relação às questões visuais, no caso cores, texturas, contrastes” -...Pistas táteis para que ela se localize no espaço 	Adaptações do ambiente
<p>“...Intenções de movimento, tanto para atividades motoras, como para atividades com artes”</p> <ul style="list-style-type: none"> - “... Objetos de referência que representam atividades a serem realizadas, no caso eu ofereço dois objetos que representam diferentes atividades e ela escolhe a que mais gosta ou a que mais tem interesse” - ...Pistas táteis para que ela se localize no espaço 	Independência e autonomia
<ul style="list-style-type: none"> - “Através do tato ela procura sentir tocar e sentir as vibrações sonoras ou táteis, tudo através do tato” - ...”Pistas táteis para que ela se localize no espaço” 	Canal de recebimento da informação
<ul style="list-style-type: none"> - “Ambiente de sala de aula, parque, brinquedoteca, sala de Educação Física e refeitório” 	Ambiente facilitador
<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sei que é um programa que ajuda a criança a se orientar e locomover no espaço, é de acordo com as informações táteis, sensoriais, sonoras” - ...Pistas táteis para que ela se localize no espaço - ...Adaptações em relação às questões visuais no caso cores, texturas, contrastes 	Conhecimento sobre O&M

Quadro 4B - Sujeito 2 dos professores: Situação em a criança não recebe nenhuma orientação em relação a mobilidade e deslocamento

Descrição das situações	Categorização
<ul style="list-style-type: none"> - “Ela caminha com o apoio do corpo do outro, mas se cansa rápido e a gente utiliza a cadeira de rodas” 	Falta informação sobre o ambiente facilitador
<ul style="list-style-type: none"> - “Quando o profissional que está com ela faz o gesto indicativos de caminhar no seu corpo é para que ela tenha as intenções de caminhar sozinha” 	Falta informação na formas de comunicação receptiva e expressiva
<ul style="list-style-type: none"> - “Quando o profissional que está com ela faz o gesto indicativos de caminhar no seu corpo é para que ela tenha as intenções de caminhar sozinha” 	Falta informação sobre conhecimento sobre O&M

Sujeito 3: Recortes de trechos da entrevista com professor (ANEXO 5) relacionados com as categorizações

Quadro 5A - Sujeito 3 dos professores: Situação que prepara a criança para a orientação e mobilidade no deslocamento

Descrição das situações	Categorização
- "Educação Física pelas necessidades do aluno" - "Pelo o que ela gosta e suas necessidades" - "Por meio de objetos e brincadeiras que ela gosta"	Interesse e necessidade do aluno
- "Por meio de objetos e brincadeiras que ela gosta" - "Sala de aula, roda de conversa, brincar, cantar, conversar com os amigos, explora objetos em sala, sala de Educação Física e parque"	Realiza atividade com a criança
- "Escola, casa e comunidade" - "Sala de aula, sala de Educação Física e parque" - "Ambiente - sem muito barulho"	Ambiente facilitador
- "Ambiente - sem muito barulho" - "Materiais - contraste e de texturas"	Adaptações do ambiente
- "Por ela ter resíduo auditivo considerou que é a audição" - "Objetos e pessoas são por meio do tato com ajuda do outro. Pessoas é o corpo e tato" - "Ela encosta a mão para sentir a vibração da fala, encosta o corpo no pula-pula para poder se sentir segura e fala, ela sente a sensação do corpo, como se fosse o calor, uma segurança"	Canal de recebimento da informação
- "Receptiva é fala e objeto real. A comunicação expressiva é por gestos facial e movimentos corporais"	Comunicação receptiva e expressiva
- "Ela não realiza"	Independência e autonomia
- "Ainda desconheço o programa. Mas eu acredito que esse programa favorece o desenvolvimento na parte motora"	Conhecimento em orientação e mobilidade

Quadro 5B - Sujeito 3 dos professores: Situação em que a criança não recebe nenhuma orientação em relação a mobilidade e deslocamento

Descrição das situações	Categorização
- "Ela não realiza nenhuma atividade sem a ajuda do outro"	Falta informação sobre a independência e autonomia
- "Ainda desconheço o programa. Mas eu acredito que esse programa favorece o desenvolvimento na parte motora" - "Ela não realiza, ela não gosta de andar, ela não põe o pé no chão. Então andamos diretamente de cadeira de rodas"	Falta informação sobre o conhecimento sobre O&M

Sujeito 1: Recortes de trechos da entrevista com família e/ou cuidador (ANEXO 6) relacionados com as categorizações

Quadro 6A - Sujeito 1 dos familiares e/ou cuidadores: Situação que prepara a criança para a orientação e mobilidade no deslocamento

Descrição das situações	Categorização
<p>-“ L. ainda não mexe muito nos brinquedos, então ela fica contente mais ela não toca muito né, segura. Se bem que ultimamente tem melhorado o segurar dela, sentir segurança mesmo. Principalmente quando estamos brincando”</p> <p>-“ Ela ajuda, eu peço para ela dá a mão L. ai eu pego na mão dela ela já sabe indicando pela mão né, a forma de tocar na blusa e ela já estica o braço”</p> <p>- “Brincadeiras, procuro estar movimentando muito.... como ela tem os movimentos bons eu procuro ficar movimentando ela, ajudando ela, pondo ela mais sentada, porque ela antes ficava deitada. Cantando porque ela gosta muito que cante para ela e mexendo mesmo no físico dela”</p> <p>- “L. ainda não mexe muito nos brinquedos, então ela fica contente mais ela não toca muito né, segura. Se bem que ultimamente tem melhorado o segurar dela, sentir segurança mesmo. Principalmente quando estamos brincando”</p> <p>- “Ultimamente eu to tentando sabe, por ela para segurar, para se esfregar, falo vamos lavar a barriga, ou a perna L. aí fico esfregando a mão dela no corpo dela para ela entender”</p> <p>- “Agora ela chora, resmunga, ai eu percebo que alguma coisa ela quer”</p>	Interesse e necessidade
<p>- “Ela ajuda, eu peço para ela dá a mão L. ai eu pego na mão dela ela já sabe indicando pela mão né, a forma de tocar na blusa e ela já estica o braço”</p> <p>- “Ela bate na água, pega na minha mão porque eu to sempre próxima né e segura na minha mão e fica batendo minha mão na água, ai eu pego na mão dela para ela bater”</p>	Forma de exploração da criança sobre o que a cerca
<p>- “Ela bate na água, pega na minha mão porque eu to sempre próxima né e segura na minha mão e fica batendo minha mão na água, ai eu pego na mão dela para ela bater”</p>	Ambiente Facilitador
<p>- “Ela ajuda, eu peço para ela dá a mão L. aí eu pego na mão dela ela já sabe indicando pela mão né, a forma de tocar na blusa e ela já estica o braço”</p> <p>- “Ela bate na água, pega na minha mão porque eu to sempre próxima né e segura na minha mão e fica batendo minha mão na água, aí eu pego na mão dela para ela bater”</p>	Canal de recebimento da informação
<p>- “Ela ajuda, eu peço para ela dá a mão L. aí eu pego na mão dela ela já sabe indicando pela mão né, a forma de tocar na blusa e ela já estica o braço”</p> <p>- “Ela bate na água, pega na minha mão porque eu to sempre próxima né e segura na minha mão e fica batendo minha mão na água, aí eu pego na mão dela para ela bater”</p> <p>- “Ultimamente eu to tentando sabe, por ela para segurar, para se esfregar, falo vamos lavar a barriga, ou a perna L. aí fico esfregando a mão</p>	Comunicação receptiva e expressiva

<p>dela no corpo dela para ela entender”</p> <p>- “Agora ela chora, resmungando, aí eu percebo que alguma coisa ela quer”</p> <p>- “Eu converso com ela, aí não resolve, talvez é hora do almoço ou do lanche eu já entendo ela também”</p> <p>- “Ela tem bastante expressão”</p>	
<p>- “Sim, mais ou menos”</p> <p>- Eu procuro sempre estar com ela, mexendo com ela...</p> <p>- “Ultimamente eu to tentando sabe, por ela para segurar, para se esfregar, falo vamos lavar a barriga, ou a perna L. aí fico esfregando a mão dela no corpo dela para ela entender”</p>	Compreensão sobre a orientação da criança
<p>- “No momento ela fica no quarto...”</p>	Adaptação do ambiente
<p>- “Brincadeiras, procuro estar movimentando muito...como ela tem os movimentos bons eu procuro ficar movimentando ela, ajudando ela, pondo ela mais sentada, porque ela antes ficava deitada. Cantando porque ela gosta muito que cante para ela e mexendo mesmo no físico dela”</p> <p>- “L. ainda não mexe muito nos brinquedos, então ela fica contente mais ela não toca muito né, segura. Se bem que ultimamente tem melhorado o segurar dela, sentir segurança mesmo. Principalmente quando estamos brincando”</p> <p>- “Ultimamente eu to tentando sabe, por ela para segurar, para se esfregar, falo vamos lavar a barriga, ou a perna L. aí fico esfregando a mão dela no corpo dela para ela entender”</p>	Realiza atividade com a criança
<p>- “No momento a L. precisa de uma cadeira de rodas para ela ter mais, para ser fácil para ela porque normalmente ela fica no quarto”</p> <p>- “L. ainda não mexe muito nos brinquedos, então ela fica contente mais ela não toca muito né, segura. Se bem que ultimamente tem melhorado o segurar dela, sentir segurança mesmo. Principalmente quando estamos brincando”</p> <p>- “Ela ajuda, eu peço para ela dá a mão L. aí eu pego na mão dela ela já sabe indicando pela mão né, a forma de tocar na blusa e ela já estica o braço”</p>	Independência e autonomia

Quadro 6B - Sujeito 1 dos familiares e/ou cuidadores: Situação em que a criança não recebe informação sobre orientação na mobilidade e deslocamento

Descrição das situações	Categorização
<p>- “Sim, mais ou menos”</p> <p>- “No momento ela fica no quarto”</p> <p>- “No meu colo, ou no carrinho, eu coloco ela sentada”</p>	Falta informação sobre a compreensão em relação a orientação da criança
<p>- “L. ainda não mexe muito nos brinquedos, então ela fica contente mais ela não toca muito né, segura. Se bem que ultimamente tem melhorado o segurar dela, sentir segurança mesmo. Principalmente quando estamos brincando”</p>	Falta a informação sobre a realização de atividade com a criança
<p>- “No meu colo, ou no carrinho eu coloco ela sentada”</p>	Falta informação sobre o ambiente facilitador
<p>- “Eu converso com ela, aí não resolve, talvez é hora do almoço ou do lanche eu já entendo ela também”</p>	Falta informação sobre a comunicação receptiva e expressiva
<p>- “No meu colo, ou no carrinho eu coloco ela sentada”</p> <p>- “No momento ela fica no quarto”</p>	Falta informação sobre adaptação do ambiente
<p>- “No momento a L. precisa de uma cadeira de rodas para ela ter mais,</p>	Falta informação sobre a independência e

para ser fácil para ela porque normalmente... ela fica no quarto” - “No meu colo, ou no carrinho eu coloco ela sentada”	autonomia
- “No momento a L. precisa de uma cadeira de rodas para ela ter mais, para ser fácil para ela porque normalmente... ela fica no quarto” - “Ela tem bastante movimentos nos braços , nas mãos e pernas, braços” -“ Ela fica sempre no mesmo lugar” - “Só na cama que eu percebo que ela muda, mas engatinhando de costas e deitada, ou se virando”	Falta informação sobre o conhecimento sobre O&M

Sujeito 2: Recortes de trechos da entrevista com família e/ou cuidador (ANEXO 7) relacionados com as categorizações

Quadro 7A - Sujeito 2 dos familiares e/ou cuidadores: Situação que prepara a criança para a orientação e mobilidade no deslocamento

Descrição das situações	Categorização
- “Através de apalpar as coisas , engatinhar, por as mãos na parede” - ..Ele brinca gosta muito que brinque com ele assim jogar, pular - ...Ele gosta muito de grama, balanço essas coisas, gangorra - “Ele gosta muito que quando o tio chega pega ele e brinca de cavalinho “ - “Ele tira a calça, quando eu estou vestindo ele eu falo filho levanta o bumbum, ele levanta para por a calça” - “Às vezes eu falo mexo na perninha dele levanta a bundinha, ele levanta, aí para por a camiseta eu falo o braço ele coloca dentro da blusa” - ... eu coloco a água, eu abro a porta do banheiro ele já sabe que é para tomar banho, aí ele vai sozinho - “É agora quando ele quer água ele vai direto na pia da cozinha, e com o copo no escorredor, ele pega o copo e leva na boca” -“ Eu pego , quando está na hora do almoço eu pego o prato e a colher e mostro para ele, aí ele pega a colher e leva no olho e depois pega minha mão e leva na boca dele”	Interesse e necessidade do aluno
- “Ah quando eu tenho tempo eu brinco com ele, ele brinca gosta muito que brinque com ele assim jogar, pular” - “ No meu colo, na mesa da cozinha” - “Ele tira a calça, quando eu estou vestindo ele eu falo filho levanta o bumbum, ele levanta para por a calça” - “Às vezes eu falo mexo na perninha dele levanta a bundinha, ele levanta, aí para por a camiseta eu falo o braço ele coloca dentro da blusa” - “Tiro a roupinha dele e coloco ele dentro da banheira, aí ele fica lá, eu vou dou banho deixo ele brincando um pouquinho com a água e depois eu tiro” - “Eu pego, quando está na hora do almoço eu pego o prato e a colher e mostro para ele, aí ele pega a colher e leva no olho e depois pega minha mão e leva na boca dele”	Realiza atividade com a criança
- “Através de apalpar as coisas, engatinhar, por as mãos na parede” - “Ele fica deitado pegando a grama” - “Ele gosta muito que quando o tio chega pega ele e brinca de cavalinho”	Formas de exploração da criança sobre o que a cerca

<p>- “ É agora quando ele quer água ele vai direto na pia da cozinha, e com o copo no corredor, ele pega o copo e leva na boca”</p> <p>- ...Eu coloco a água, eu abro a porta do banheiro ele já sabe que é para tomar banho, aí ele vai sozinho</p>	
<p>- “Através de apalpar as coisas, engatinhar, por as mãos na parede”</p> <p>-“ Ele fica deitado pegando a grama”</p> <p>-... Eu coloco a água, eu abro a porta do banheiro ele já sabe que é para tomar banho, aí ele vai sozinho</p> <p>- “Tiro a roupinha dele e coloco ele dentro da banheira, ai ele fica lá, eu vou dou banho, deixo ele brincando um pouquinho com a água e depois eu tiro”</p> <p>- “ É agora quando ele quer água ele vai direto na pia da cozinha, e com o copo no corredor, ele pega o copo e leva na boca”</p>	Ambiente facilitador
<p>- “Através de apalpar as coisas , engatinhar, por as mãos na parede”</p> <p>- “ Ele tira a calça, quando eu estou vestindo ele eu falo filho levanta o bumbum, ele levanta para por a calça”</p> <p>-“ Às vezes eu falo mexo na perninha dele levanta a bundinha, ele levanta, aí para por a camiseta eu falo o braço ele coloca dentro da blusa”</p> <p>-“ Eu pego, quando está na hora do almoço eu pego o prato e a colher e mostro para ele, aí ele pega a colher e leva no olho e depois pega minha mão e leva na boca dele”</p>	Canal de recebimento da informação
<p>- “Ele tira a calça, quando eu estou vestindo ele eu falo filho levanta o bumbum, ele levanta para por a calça”</p> <p>- “Às vezes eu falo mexo na perninha dele levanta a bundinha, ele levanta, aí para por a camiseta eu falo o braço ele coloca dentro da blusa”</p> <p>- ...Eu coloco a água, eu abro a porta do banheiro ele já sabe que é para tomar banho, aí ele vai sozinho</p> <p>- “ É agora quando ele quer água ele vai direto na pia da cozinha, e com o copo no corredor, ele pega o copo e leva na boca”</p> <p>- “Eu pego, quando está na hora do almoço eu pego o prato e a colher e mostro para ele, aí ele pega a colher e leva no olho e depois pega minha mão e leva na boca dele”</p>	Comunicação receptiva e expressiva
<p>- ... Eu coloco a água, eu abro a porta do banheiro ele já sabe que é para tomar banho, aí ele vai sozinho</p> <p>- “Eu pego, quando está na hora do almoço eu pego o prato e a colher e mostro para ele, aí ele pega a colher e leva no olho e depois pega minha mão e leva na boca dele”</p> <p>- “Ah para mim eu acho que pode ajudar bastante, pelo menos ele vai sair um pouco do meu colo, ele sair sozinho, se desenvolver sozinho, saber onde ele está indo e tudo, vai ajudar bastante”</p>	Compreensão sobre a orientação da criança
<p>-“ Através de apalpar as coisas, engatinhar, por as mãos na parede”</p> <p>-“ Não está pronta ainda, então para ele se adaptar melhor tem que fazer a garagem porque aí ele não fica tanto dentro de casa e ele tem como descer”</p> <p>- “Ele tira a calça, quando eu estou vestindo ele eu falo filho levanta o bumbum, ele levanta para por a calça”</p> <p>-“ Às vezes eu falo mexo na perninha dele levanta a bundinha, ele levanta, aí para por a camiseta eu falo o braço ele coloca dentro da blusa”</p> <p>- ...Eu coloco a água, eu abro a porta do banheiro ele já sabe que é para tomar banho, aí ele vai sozinho</p> <p>-“ Brinquedo ele mesmo vai, porque ele já conhece o ambiente da casa,</p>	Independência e autonomia da criança

<p>agora em relação a alimentação pelo horário”</p> <p>-“ É agora quando ele quer água ele vai direto na pia da cozinha, e com o copo no escorredor, ele pega o copo e leva na boca”</p> <p>- “ Eu pego, quando está na hora do almoço eu pego o prato e a colher e mostro para ele, aí ele pega a colher e leva no olho e depois pega minha mão e leva na boca dele “</p> <p>- “Ah para mim eu acho que pode ajudar bastante, pelo menos ele vai sair um pouco do meu colo, ele sair sozinho, se desenvolver sozinho, saber onde ele está indo e tudo, vai ajudar bastante”</p>	
<p>-“ Difícil”</p> <p>- “Orientação? É tentar ajudar a criança a andar, para ele saber onde está se localizando”</p> <p>- “Ah para mim eu acho que pode ajudar bastante, pelo menos ele vai sair um pouco do meu colo, ele sair sozinho, se desenvolver sozinho, saber onde ele está indo e tudo, vai ajudar bastante”</p> <p>- ...Por a mão na parede, ele anda ...</p>	<p>Conhecimento sobre orientação e mobilidade</p>

Quadro 7B - Sujeito 2 dos familiares e/ou cuidadores: Situação em que a criança não recebe informação sobre orientação na mobilidade e deslocamento

Descrição das situações	Categorização
<p>-“ Ah quando eu tenho tempo eu brinco com ele, ele brinca gosta muito que brinque com ele assim jogar, pular”</p>	<p>Falta informação sobre a realização de atividade com a criança</p>
<p>- ...Para ir até essa garagem tem uma escada então a porta fica fechada direto por causa da escada</p>	<p>Falta informação sobre o ambiente facilitador</p>
<p>- “Ele tira a calça, quando eu estou vestindo ele eu falo filho levanta o bumbum, ele levanta para por a calça”</p> <p>- “Brinquedo ele mesmo vai, porque ele já conhece o ambiente da casa, agora em relação a alimentação pelo horário”</p>	<p>Falta informação sobre as formas de comunicação receptiva e expressiva</p>
<p>- “Para ir até essa garagem tem uma escada então a porta fica fechada direto por causa da escada”</p> <p>- “No meu colo, na mesa da cozinha”</p>	<p>Falta informação sobre a adaptação do ambiente</p>
<p>-“ No meu colo, na mesa da cozinha”</p> <p>- “Brinquedo ele mesmo vai, porque ele já conhece o ambiente da casa, agora em relação a alimentação pelo horário”</p>	<p>Falta informação sobre a independência e autonomia da criança</p>
<p>-“Difícil”</p> <p>- “Orientação? É tentar ajudar a criança a andar, para ele saber onde está se localizando”</p>	<p>Falta informação sobre o conhecimento de orientação e mobilidade</p>

Sujeito 3: Recortes de trechos da entrevista com família e/ou cuidador (ANEXO 8) relacionados com as categorizações

Quadro 8A - Sujeito 3 dos familiares e/ou cuidadores: Situação que prepara a criança para a orientação e mobilidade no deslocamento

Descrição das situações	Categorização
<p>- ...Ele levanta do chão se ele estiver sentado, ele pega na mão da gente e vai até o lugar que ele quer ir. Segura na mão ele vai até a cozinha andando</p> <p>- “Brinquedos educativos, bolinhas, ele não gosta muito de pelúcia, gosta de brinquedos molinho para colocar na boca”</p> <p>- “Quando ele chora, e quando ele pega na mão da gente e vai até a cozinha no armário onde ele sabe que tem o leite dele”</p> <p>- “Brinquedos educativos, bolinhas, ele não gosta muito de pelúcia, gosta de brinquedos molinho para colocar na boca”</p>	Interesse e necessidade do aluno
<p>- “Uma vez ao dia, depois do almoço eu ando com ele no quintal mais ou menos vinte minutos”</p> <p>- “No colo, sorrindo, brincando com alguns brinquedos, não é todos os brinquedos que ele brinca”</p>	Realiza atividade com a criança
<p>- ...Ele levanta do chão se ele estiver sentado, ele pega na mão da gente e vai até o lugar que ele quer ir. Segura na mão ele vai até a cozinha andando</p> <p>- “Quando ele chora, e quando ele pega na mão da gente e vai até a cozinha no armário onde ele sabe que tem o leite dele”</p>	Formas de exploração da criança sobre o que a cerca
<p>- “Ele levanta do chão se ele estiver sentado, ele pega na mão da gente e vai até o lugar que ele quer ir. Segura na mão ele vai até a cozinha andando”</p> <p>- “Essas madeirinhas que tem aqui na escola grudada na parede (corrimão) eu acho que ia ajudar muito”</p> <p>- “Ele brinca aqui na escola né, porque em casa não tem gangorra essas coisas não”</p>	Ambiente facilitador
<p>- “Gosta de brinquedos molinho para colocar na boca”</p>	Canal de recebimento da informação
<p>- ...Quando ele não quer sair do brinquedo ele trava os braços para não sair</p> <p>- ... Tem roupa que ele não gosta de usar e ele briga comigo para não colocar, ele empurra</p> <p>- “Blusa de lã ele não usa, ele usa a pulso, eu coloco nele e ele tira, coloco ele tira né, então eu já sei o que ele gosta de roupa”</p> <p>- “Quando ele chora, e quando ele pega na mão da gente e vai até a cozinha no armário onde ele sabe que tem o leite dele”</p>	Comunicação receptiva e expressiva

<p>- ...Ele levanta do chão se ele estiver sentado, ele pega na mão da gente e vai até o lugar que ele quer ir. Segura na mão ele vai até a cozinha andando</p> <p>- “Eu acho que aqui na escola ele anda bem, ele anda bem com a professora, anda para lá e para cá, mas em casa ele se joga no chão, ele quer colo, teve uma sexta-feira que ele só quis ficar no meu colo, ele não saiu nem para eu tomar uma água, quando ele “cisma” de ficar no colo é só colo”</p> <p>- “Essas madeirinhas que tem aqui na escola grudada na parede (corrimão) eu acho que ia ajudar muito</p>	Compreensão sobre a orientação da criança
<p>- Essas madeirinhas que tem aqui na escola grudada na parede (corrimão) eu acho que ia ajudar muito</p>	Adaptação do ambiente
<p>- ...Ele levanta do chão se ele estiver sentado, ele pega na mão da gente e vai até o lugar que ele quer ir. Segura na mão ele vai até a cozinha andando</p> <p>- ...Levanta o braço, na hora de tirar a roupa</p> <p>- ...Tem roupa que ele não gosta de usar e ele briga comigo para não colocar, ele empurra</p> <p>- “ Quando ele chora, e quando ele pega na mão da gente e vai até a cozinha no armário onde ele sabe que tem o leite dele”</p>	Independência e autonomia

Quadro 8B - Sujeito 3 dos familiares e/ou cuidadores: Situação em que a criança não recebe informação sobre orientação na mobilidade, deslocamento, comunicação e adaptação do ambiente

Descrição das situações	Categorização
<p>-“ Blusa de lã ele não usa, ele usa a pulso, eu coloco nele e ele tira, coloco ele tira né, então eu já sei o que ele gosta de roupa”</p> <p>-“ Quando ele chora, e quando ele pega na mão da gente e vai até a cozinha no armário onde ele sabe que tem o leite dele”</p>	Falta informação sobre as formas de comunicação receptiva e expressiva
<p>-“ Deita na banheira (risos), fica deitado lá como se fosse uma sauna”</p> <p>-“ Eu acho que aqui na escola ele anda bem, ele anda bem com a professora, anda para lá e para cá, mas em casa ele se joga no chão, ele quer colo, teve uma sexta-feira que ele só quis ficar no meu colo, ele não saiu nem para eu tomar uma água, quando ele “cisma” de ficar no colo é só colo”</p>	Falta informação sobre a compreensão sobre a orientação da criança
<p>- “Eu ponho sentado no carrinho e dou para ele no carrinho (alimentação)”</p>	Falta informação sobre a adaptação do ambiente (lar)
<p>-“ Ele brinca aqui na escola né, porque em casa não tem gangorra essas coisas não”</p>	Falta informação sobre a realização de atividade com a criança
<p>- “Eu faço sopa e eu mesmo que dou para ele”</p> <p>-“ Deita na banheira (risos), fica deitado lá como se fosse uma sauna”</p>	Falta a informação sobre a independência e autonomia da criança
<p>- “Nada praticamente”</p> <p>-“ Essa é difícil”</p>	Falta a informação sobre orientação e mobilidade

2.5.2 Quadros de convergências e divergências das respostas dos professores e das famílias e/ou cuidadores

Para favorecer a visualização das convergências serão apresentados separadamente os quadros de convergências dos professores e o quadro de convergências das famílias e/ou cuidadores para que as informações não se confundam.

2.5.2.1 Quadros de convergências e divergências dos professores

Quadro 9A - Situações que proporcionam à criança orientação na mobilidade e deslocamento

Convergências nas respostas dos professores			
Categorizações	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3
Interesse e necessidade do aluno	X	X	X
Realiza atividade com a criança	X	X	X
Formas de exploração da criança sobre o que a cerca	X	X	
Ambiente facilitador	X	X	X
Canal de recebimento da informação	X	X	X
Comunicação receptiva e expressiva	X	X	X
Compreensão sobre a orientação	X	X	
Adaptação do ambiente	X	X	X
Independência e autonomia	X	X	X
Conhecimento em O&M	X	X	X

Recortes dos Quadros 1A, 2A e 3A

Quadro 9B - Situações em que a criança não recebe orientação em relação a mobilidade e deslocamento

Convergências nas respostas dos professores			
Categorização	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3
Falta informação sobre interesse e necessidade do aluno			
Falta informação sobre a realização de atividades com a criança	X	X	X
Falta informação sobre as formas de exploração da criança sobre o que a cerca			
Falta informação sobre o ambiente facilitador	X	X	
Falta informação sobre o canal de recebimento da informação			
Falta informação sobre comunicação receptiva e expressiva	X	X	X
Falta informação sobre a compreensão da orientação da criança	X	X	X

Falta informação sobre adaptação do ambiente	X	X	X
Falta informação sobre a independência e autonomia	X	X	X
Falta informação sobre o conhecimento de O&M	X	X	X

Recortes dos Quadros 1B, 2B e 3B

2.5.2.2 Quadros de convergências e divergências dos familiares e/ou cuidadores

Quadro 10A - Situações que proporcionam à criança orientação na mobilidade e deslocamento

Convergências nas respostas dos familiares e/ou cuidadores			
Categorizações	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3
Interesse e necessidade do aluno	X	X	X
Realiza atividade com a criança	X	X	X
Formas de exploração da criança sobre o que a cerca	X	X	X
Ambiente facilitador	X	X	X
Canal de recebimento da informação	X	X	X
Comunicação receptiva e expressiva	X	X	X
Compreensão sobre a orientação	X	X	X
Adaptação do ambiente	X		X
Independência e autonomia	X	X	X
Conhecimento em O&M			

Recortes dos Quadros 4A, 5A 6A

Quadro 10B - Situações em que a criança não recebe orientação em relação a mobilidade e deslocamento

Convergências nas respostas dos familiares e/ou cuidadores			
Categorização	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3
Falta informação sobre interesse e necessidade do aluno			
Falta informação sobre a realização de atividades com a criança	X	X	X
Falta informação sobre as formas de exploração da criança sobre o que a cerca			
Falta informação sobre o ambiente facilitador	X	X	X
Falta informação sobre o canal de recebimento da informação			
Falta informação sobre comunicação receptiva e expressiva	X	X	X
Falta informação sobre a compreensão da orientação da criança	X		X
Falta informação sobre adaptação do ambiente	X	X	X
Falta informação sobre a independência e autonomia	X	X	X
Falta informação sobre o conhecimento de O&M	X	X	X

Recortes dos Quadros 4B, 5B, 6B

REFLEXÃO DOS DADOS

A entrevista com os sujeitos desta dissertação professores e familiares e/ou cuidadores possibilitou saber e identificar que não são todos os sujeitos de ambos os grupos que conhecem o serviço de orientação e mobilidade com clareza e nem têm claro os benefícios que o serviço pode oferecer para a criança quando ela possui possibilidades de receber orientações para estar em atividades nesse processo.

Os dados analisados mostraram situações que propiciam a criança com surdocegueira um ambiente facilitador e adaptado no qual as atividades desenvolvidas promoviam prazer e envolvimento dos alunos. Esses dados reiteraram Amaral et al. (2004) referente à forma como as atividades e as adaptações necessárias acontecem para ajudar a criança a se envolver mais ativamente na aprendizagem.

Os três sujeitos do grupo de professores relataram ainda que é importante considerar o interesse e necessidade do aluno nas atividades que serão incluídas no programa e que a equipe e a família e/ou cuidador da criança devem fazer parte desse processo. Apontaram também a necessidade e a importância do ambiente facilitador, observando qual é o canal sensorial por qual essa criança recebe informação do mundo, bem como levar em consideração que é fundamental realizar e envolver a criança nas atividades com a forma de comunicação expressiva e receptiva adequada.

Os sujeitos 1 e 2 do grupo de professores relataram a importância da forma de exploração da criança sobre o que a cerca e da compreensão sobre a orientação da criança nas atividades desenvolvidas.

Os sujeitos 1, 2 e 3 do grupo de professores relataram também ter alguma informação sobre o programa de orientação e mobilidade, aspecto que ajuda a criança a ser mais independente, porém demonstraram que precisam de maiores esclarecimentos. As entrevistas evidenciaram ainda que faltam informações sobre a realização de atividades com a criança e sobre a comunicação receptiva e expressiva a ser realizada pela criança – aspecto esse que favorece a ela a interação com o mundo que a rodeia. Esses fatos mostraram a necessidade da participação ativa de uma equipe colaborativa atuando diretamente com o professor,

reiterando Michael e Paul (1987) ao relatar que bebês e crianças com a dupla privação sensorial devem participar de uma variedade de programas que reforcem a importância de informar e orientar quem está ligado de forma direta com o desenvolvimento dessas crianças. Os dados mostraram também outras ausências, como a de falta de compreensão da orientação da criança, informação sobre adaptação do ambiente, sobre como propiciar independência e autonomia, bem como sobre orientação e mobilidade.

O sujeito 3 do grupo de professores enfatizou a falta de informação sobre o ambiente facilitador. A falta de um ambiente facilitador nessa etapa inicial pode prejudicar o desenvolvimento no que se refere a independência e autonomia, porque pode limitar a criança a desfrutar o prazer de ir e vir.

Com relação aos dados obtidos dos grupos de familiares e/ou cuidadores ficou clara a atuação direta de todos os sujeitos e a iniciativa própria na realização de atividades com as crianças em como perceber o interesse, necessidade e as formas de exploração da criança sobre o que a cerca, a importância do ambiente facilitador e o canal de recebimento da informação, bem como informações sobre as formas de comunicação receptiva e expressiva do aluno, a compreensão sobre a orientação do aluno e as informações sobre a independência e autonomia da criança - todos esses passos favorecem a criança com surdocegueira à independência e participação nas atividades.

O sujeito 2 das famílias e/ou cuidadores não relatou dados sobre a importância de adaptação de ambientes. Talvez por não saber quais adaptações podem ser necessárias nesse momento.

Todos esses aspectos coletados das entrevistas dos sujeitos de familiares e/ou cuidadores revelaram que essas famílias e/ou cuidadores obtêm algum tipo de informação sobre atividades e sobre mobilidade da criança, porém ficou evidente também o que está faltando de informação e a necessidade de uma equipe colaborativa em conjunto com a participação da família.

Com essa informação os dados coletados dos sujeitos 1, 2 e 3 do grupo de familiares e/ou cuidadores mostraram que também falta orientação com relação a realização de atividades, qual é a forma adequada de comunicação receptiva e expressiva, adaptação do ambiente, independência e autonomia, bem como conhecimento em orientação e mobilidade.

Observou-se nos relatos dos sujeitos 1 e 2 dos familiares e/ ou cuidadores a falta de informação com relação ao ambiente facilitador e os sujeitos 2 e 3 deste mesmo grupo a falta de informações sobre a compreensão da orientação da criança.

No geral as informações coletadas mostraram evidentemente que existe em ambos os grupos de sujeitos tanto professores quanto de familiares e/ou cuidadores uma noção sobre as atuação com a criança com surdocegueira, porém necessitam de um aprofundamento, suporte e seguimento nas orientações oferecidas em todos os aspectos. Necessitam também uma equipe estruturada na qual a família e/ou cuidador é participante.

As análises de ambos os grupos, tanto o de professores como o de familiares e/ou cuidadores evidenciaram que existe especificidade no atendimento e na forma de atuação de crianças com surdocegueira na faixa etária de 2 a 4 anos.

Esse trabalho vem reforçar as necessidades que apresenta uma criança com surdocegueira e evidenciar a importância dos pré-requisitos para a participação de um programa de O&M.

Esta constatação não é algo que surpreende este trabalho, uma vez que a literatura nos mostra essas necessidades em crianças com surdocegueira congênita, porém evidencia a necessidade de profissionais sujeitos dessa pesquisa a busca de informações com relação ao programa de orientação e mobilidade bem como os pré-requisitos e adaptações necessárias de ambiente e materiais para a criança com surdocegueira. Justifica-se essa busca de informações, visto que aqui no Brasil as escolas e instituições iniciam com o programa de orientação e mobilidade em idades posteriores como a adolescência, e o que propomos é iniciar desde que a criança com surdocegueira nasce.

É função desses profissionais dar apoio para as famílias no que diz respeito a esse trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desta pesquisa foi o de identificar atividades desenvolvidas pela família e profissionais para que uma criança com surdocegueira congênita na idade de 2 a 4 anos tenha condições de participar de um programa de orientação e mobilidade.

A questão que norteou esta dissertação, foi a de identificar atividades que estimulam e facilitam o movimento e a exploração do corpo de crianças com surdocegueira congênita e as adaptações utilizadas para que as crianças com surdocegueira congênita iniciem sua locomoção no ambiente familiar e escolar.

Foram seis os sujeitos de pesquisa divididos em dois grupos um de três professores e outro com três membros de familiares e/ou cuidadores.

Consideramos ter alcançado os objetivos propostos para esta investigação, uma vez que a análise das entrevistas mostrou a importância do desenvolvimento de atividades bem elaboradas, funcionais, de acordo com a idade das crianças surdocegas congênitas; a importância do desenvolvimento de atividades em conjunto de profissionais e de familiares e/ou cuidadores que compreendam as necessidades da criança; ser condição fundamental o desenvolvimento dessas atividades pelos familiares e/ou cuidadores da criança com surdocegueira para que ela possa participar do programa de orientação e mobilidade.

A análise mostrou, também, que se bem preparadas, as atividades que contemplam pré-requisitos de orientação e mobilidade podem acontecer no cotidiano por meio de brincadeiras e em diversos momentos até chegar às técnicas mais específicas como o uso de uma bengala.

Além disso, os dados analisados evidenciaram a necessidade de professores e familiares e/ou cuidadores sujeitos dessa pesquisa estarem bem orientados sobre o desenvolvimento de atividades que são pré-requisitos para uma criança com surdocegueira congênita participar de um programa de orientação e mobilidade.

Os dados registrados e analisados reiteraram a relevância da forma de comunicação adequada e apropriada para cada criança, que proporcionasse a ela iniciativa e prazer para desenvolver as atividades e que pudessem levá-la a independência e autonomia no deslocamento em atividades do cotidiano.

O número de apenas seis participantes – três professores e três familiares e/ou cuidadores – constituiu um limite e sugere uma continuidade deste tema de investigação com um número maior de familiares e professores

REFERÊNCIAS

- AYRES, J. A. *La integración sensorial y el niño*. México, Argetina, España, Colombia, Puerto Rico, Venezuela: Editorial Trillas, 1998.
- AMARAL, I. A educação de estudantes portadores de surdocegueira. In: MASINI, E. F.S. et al. *Do sentido... pelos sentidos... para o sentido...* – sentidos das pessoas com deficiências sensoriais. Niterói: Intertexto; São Paulo: Vetor, 2002. p. 121-123.
- CARILLO, E. F. P. *A importância das formas de comunicação para inserção social do surdocego adulto adquirido*. 2005. 80 p. Monografia (Especialização em Educação da Pessoa com Deficiência da Audiocomunicação) – Centro de Pesquisa e Pós graduação FMU. São Paulo.
- CORMEDI, M. A. *Modelo de programa para o surdocego pré-linguístico*. 1999. 63 p. Monografia (Especialização Em Deficiência Visual e Surdez: Fundamentos para a Intervenção) - Centro de estudos e pesquisa em reabilitação F.C.M UNICAMP. Universidade de Campinas. Campinas.
- CORMEDI, M. A. *Referências de currículo na elaboração de programas educacionais individualizados para surdocegos congênitos e múltiplos deficientes*. 2005. 216 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Distúrbios do Desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005. p. 36
- CROOK, C. Desarrollo de comunicación inicial com niños sordociegos. In: CAICEDO, G.R et. al. *Sordoceguera: Lecturas selectas sobre educación para sordociegos*. San José, Costa Rica. Fundación Conrad N. Hilton. Escuela Perkins para Ciegos.
- CURTIS, C.; MADSEN, L.; MEESE, B.; WESTOVER, L.; YOST, K.; PEROTTI, N. Currículo-guia de pré-lenguaje de la persona discapacitada múltiple. In: CAICEDO, G.R., et. al. *Sordoceguera: Lecturas selectas sobre educación para sordociegos*. San José, Costa Rica. Fundación Conrad N. Hilton. Escuela Perkins para Ciegos.
- CORIAT, L. F. *Maturação psicomotora: no primeiro ano de vida da criança*. Tradução de Ronaldo José Melo da Silva. São Paulo: Centauro, 2001.
- DEAFBLIND INTERNATIONAL. *Pautas sobre las mejores prácticas para la prestación de servicios destinados a las personas sordociegas*. Biblioteca Del Congreso de La Nación. Tradução n. 7880, 2006. Disponível em: <www.deafblindinternational.org>. Acesso em: 18 jan. 2008.
- ERIKSON, L. A importância de intérpretes para pessoas surdocegas. In. , MASINI, E. F. S. *Do sentido... Pelos sentidos... Para o sentido...* – sentido das pessoas com deficiências sensoriais. Niteroi: Intertexto; São Paulo: Vetor, 2002.
- FELLIPE, J. A. M. e FELLIPE, V. L. R. *Orientação e Mobilidade*. Laramara, Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual: São Paulo, 1997. 13 p.

FERIOLI, G. *El desarrollo de la comunicacion: sus abordagens em la etapa pré-linguística*. Programa Hilton Perkins para América Latina da Perkins Scholl for the Blind, Watertown, Mass, USA, 1993.

FREEMAN, P. *Niños sordociegos*. Esta publicación incluye uma colección de artículos Intercambio de Informações. La Fundación Conrad N. Hilton de Reno, Nevada (U.S.A.) financio la tradução, producción y distribución de este material. Montevideo, Uruguay: Edição Tallers Gráficos de Punto Sur S, 1993.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

GENSE, D. J.; GENSE, M. D. B. LINK – CENTRO DE DISTRIBUCIÓN DE INFORMACIÓN SOBRE NIÑOS QUE SON SORDO-CIEGOS. *La importância de las destrezas de orientación movilidad para estudiantes sordo-ciegos*. Centro Nacional Helen Keller. Programa Hilton/Perkins para Ciegos. Instituto de Investigación de Enseñanza. Revisado em (agosto 2004).

GIACOMINI, L. *Análise de um programa: “passo a passo” orientação e mobilidade para pessoas surdocegas*. 2008. 125 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Faculdade de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HARING, N. G.; ROMER, L. T. *Welcome students who are deaf-blind into typical classrooms: facilitating school participation, learning and friendship*. Baltimore, Maryland: Paul. H. Brookes Co., 1995.

HILL, E. W.; ROSEN, S.; CORREA, V. I.; LANGLEY, M. B. *Primera infancia: aspectos de orientacion y movilidad*. Una publicación de la Serie em Idioma Español “Hilton Perkins”. v. 2, verano de 1984.

LAGATI, S. Deafblind or deaf-blind, side bar on terminology – international perspectives on terminology. *Journal of visual Impairments and Blindness*, mai.-jun., 1995. Disponível em: <<http://www.deafblind.com/lagati.html>>. Acesso em: 28 jan.2005. Não paginado.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A *Pesquisa e educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, L. *Terapia de integração sensorial*. Artevidade Terapia Ocupacional Tecnologia Assistência Multiprofissional. São Paulo. 2003.

MAIA, S. R. Processo de ensinar e aprender em alunos com surdocegueira. *ENSAIOS PEDAGÓGICOS Construindo Escolas Inclusivas*, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ensaiospedagogicos.pdf>>. Acesso em: 03 abri. de 2008.

MATOS, I. S.; VITAL, I. L. V. *Atividades psicomotoras aquáticas no desenvolvimento da pessoa com surdocegueira*. Ceará: Premius Editora, 2006. 44 p.

MICHAEL, M. G.; PAUL, P. V. *Primeira infância; intervenção temprana em niños com surdoceguera*. Uma publicação de la Serie de Idioma Español "Hilton Perkins". APH - American Printing House for the Blind, 1987.

MILES, B. *Talking the language of the hands to the hands: the importance of hands for the person who is deaf-blind*. DB Link – The national information clearinghouse on children who are deaf-blind. Helen Keller National Center. Perkins School for the Blind. Teaching Research, 2003.

MILES, B.; RIGGIO, M. *Remarkable conversation: a guide to developing meaningful communication with children and young adults who are deafblind*. Watertown: Perkins Scholl for the Blind, 1999. p. 22-24.

NASCIMENTO, F.A.A.C; COSTA, M.P.R. *Descobrimo a Surdocegueira – educação e comunicação*. 1ª reimpressão. Edufscar, São Carlos. 2007

NETO, C. A. F. *Motricidade e jogo na Infância*. 2 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

PALACIOS, A. C. A intervenção precoce e liderança da família: reflexões sobre as características da intervenção em crianças com múltipla deficiência. In: MASINI, E. F.S. et al. *Do sentido... pelos sentidos... para o sentido...* - sentidos das pessoas com deficiências sensoriais. Niterói: Intertexto; São Paulo: Vetor, 2002.

SÁ, E. D.; CAMPOS, I.M.; SILVA, M.B.C. *Atendimento educacional especializado: deficiência visual*. Brasília, DF: SEESP/SEED/MEC, 2007.

SÁNCHEZ, P. A.; MARTINEZ, M. R.; PEÑALVER, I. V. *A Psicomotricidade na educação infantil uma prática preventiva e educativa*. Tradução Inajara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2003. 11 p.

SENSE INTERNACIONAL LATIIONAMERICA. *Classificación de la Sordoceguera*. 2002. Disponível em: <http://www.sordoceguera.org/vc3/sordoceguera/clasificacion/sordoceguera_congenita.php>. Acesso em: 11 set. 2008.

TRONCOSO, D. S. Orientación y Movilidad. *Sense Internacional (Latino America)* 2002-2008. Não paginado. Disponível em: <http://www.sordoceguera.org/vc3/para_maestros_profesionales/orientacion_movilidad.php>. Acesso em: 03 abri. 2008.

ANEXOS

ANEXO 1

CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA COM MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO PARA DEFICIENTES DA AUDIO VISÃO – ADefAV

Prezado Diretor,

O presente trabalho se propõe a realizar uma pesquisa com professores e membros da família de filiados a Associação para Deficientes da Audio Visão (ADefAV). A finalidade é estudar e identificar, junto a um grupo de professores e membros da família de crianças surdocegas congênitas, quais atividades e adaptações são necessárias para estimular o corpo e facilitar o movimento dessas crianças a fim de iniciarem sua locomoção no ambiente familiar e escolar. As informações para o estudo serão coletadas a partir da aplicação de um questionário que implica baixo risco aos participantes e à Associação. Estes dados serão posteriormente analisados, garantindo-se sigilo absoluto sobre as questões respondidas, sendo resguardado o nome dos participantes. Esta investigação será realizada por Silvia Costa Andreossi, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob orientação da Profa. Dra. Elcie F. Salzano Masini. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento sobre o tema estudado. Aos participantes cabe o direito de retirar-se do estudo em qualquer momento, sem prejuízo algum.

Silvia Costa Andreossi
silandreossi@hotmail.com
tel: 93328426

Elcie F. Salzano Masini
elcie@mackenzie.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o senhor _____, diretor geral da Associação para Deficientes da Audio Visão (ADefAV), após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO À ASSOCIAÇÃO, ciente dos procedimentos propostos, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância quanto a realização da pesquisa. Fica claro que a Associação, através de seu diretor geral legal, pode, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por sigilo profissional.

São Paulo, _____, de _____, 2008.

Assinatura do Representante da Associação
e-mail:
tel:

ANEXO 2

CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA

Prezado (a) Sr (a),

O presente trabalho se propõe a realizar uma pesquisa com professores e membros da família de filiados a Associação para Deficientes da Audio Visão (ADefAV). A finalidade é estudar e identificar, junto a um grupo de professores e membros da família de crianças surdocegas congênitas, quais atividades e adaptações são realizadas para estimular o corpo e facilitar o movimento dessas crianças a fim de iniciarem sua locomoção no ambiente familiar e escolar. As informações para o estudo serão coletadas a partir da aplicação de um questionário que implica baixo risco aos participantes e à Associação. Estes dados serão posteriormente analisados, garantindo-se sigilo absoluto sobre as questões respondidas, sendo resguardado o nome dos participantes. Esta investigação será realizada por Silvia Costa Andreossi, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob orientação da Profa. Dra. Elcie F. Salzano Masini. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento sobre o tema estudado. Aos participantes cabe o direito de retirar-se do estudo em qualquer momento, sem prejuízo algum.

Silvia Costa Andreossi
silandreossi@hotmail.com
tel: 93328426

Elcie F. Salzano Masini
elcie@mackenzie.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o(a) senhor(a) _____, sujeito de pesquisa, após a leitura a CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

São Paulo, _____, de _____, 2008.

Assinatura do Sujeito de Pesquisa
e-mail:
tel:

ANEXO 3

Entrevista - Sujeito 1 - Professores

1 - Quais serviços o professor utiliza para realizar o programa educativo individual da criança na instituição? Qual critério para escolher determinado serviço?

R: Fisio, Orientação e Mobilidade, T.O e Fono. Através das necessidades do aluno.

2 - Quais as áreas curriculares o professor considerou na elaboração do programa educacional individual desta criança?

R: Escola, casa e lazer.

3 - Quem são as pessoas que participam na elaboração do programa do aluno?

R: Professor, coordenadora, família e profissionais envolvidos.

4 - Quantos profissionais estão diretamente ligados e atuando com esse aluno no desenvolvimento do programa?

R: Professor, Fono, Fisio e Professor de Orientação e Mobilidade.

5 - Como acontece a seleção de atividades do programa educacional desta criança?

R: Interesse e prazer nas atividades que envolvam movimento e necessidade de adquirir marcha.

6 - Em quais ambientes ou locais o professor realiza as atividades com esta criança?

R: Parque, Sala de Educação Física e Sala de Aula.

7 - Quais as atividades que esta criança realiza autonomamente?

R: Ainda não tem essa resposta.

- Nem motora e nem tátil?

R: Atividades motoras.

- Ele vai sozinho?

R: Com movimento seria, deixa eu pensar no pula-pula ele vai sozinho entendeu balanço.

- Se desloca até o pula-pula?

R: Se desloca e entra. Ele já entrou hoje eu observei, olha eu de distância, mas de qualquer maneira é um crescimento dele. Ele já está entrando sozinho.

8 - Como são introduzidas as opções de escolhas da criança nas atividades desenvolvidas?

R: Através de movimentos corporais e através de objetos concretos. Porém ainda não tem resposta.

9 - Quais adaptações são necessárias para a realização das atividades em relação a:

- Ambiente – Em relação ao ambiente é rastrear o ambiente através de pistas e objetos concretos.
- Materiais – (e os materiais) Objetos concretos.

10 - Como é a rotina da criança na escola?

R: Roda, Circuito, Parque e brinquedoteca.

11 - Qual é o primeiro canal sensorial para que essa criança receba informação do ambiente?

R: Gustativo e o tato

12 - Como é feita a comunicação receptiva e expressiva com essa criança nas atividades?

R: Comunicação receptiva é através de movimentos corporais, gestos isolados, gestos com movimentos e a comunicação expressiva é através de vocalizações expressões faciais e movimentos corporais.

13 - Como o aluno realiza exploração de:

- Objetos
- Ambiente
- Pessoas

R: Exploração ainda é primitiva com a boca, porém ele aceita o toque com sorriso.

14 - O que você sabe sobre o programa de Orientação e Mobilidade?

R: É ajuda a perceber e a se movimentar no ambiente fazendo com que a gente saiba para onde quer ir, como fazer para chegar e a gente utiliza todos os canais, tato, olfato, audição e cinestesia.

15 - Como é o deslocamento da criança no espaço da instituição?

R: Inicia a marcha com auxílio e com pistas táteis do ambiente (Corrimão)

16 - Descreva qual é o momento em que a criança apresenta autonomia no deslocamento?

R: Se arrasta de bumbum até o objeto que tem interesse.

ANEXO 4

Entrevista - Sujeito 2 - Professores

1 - Quais serviços o professor utiliza para realizar o programa educativo individual da criança na instituição? Qual critério para escolher determinado serviço?

R: Eu utilizo o serviço de orientação e mobilidade, fonoaudiologia, Terapia ocupacional e alimentação orientada. O aluno passa por várias avaliações com determinados profissionais e no caso de necessidades ele é encaminhado para os serviços ou também a família faz o pedido para a instituição e ele passa a realizar o serviço com os profissionais.

2 - Quais as áreas curriculares o professor considerou na elaboração do programa educacional individual desta criança?

R: Eu considere as áreas curriculares que contemplam as necessidades do aluno no caso a escola, a casa e o lazer.

3 - Quem são as pessoas que participam na elaboração do programa do aluno?

R: São as pessoas da equipe colaborativa, no caso o pedagogo, o terapeuta professores de O&m e educação física.

4 - Quantos profissionais estão diretamente ligados e atuando com esse aluno no desenvolvimento do programa?

R: 4 profissionais – professor, auxiliar, coordenador e fonoaudiólogo.

5 - Como acontece a seleção de atividades do programa educacional desta criança?

R: A seleção ela é baseada no contexto real da criança para que essas atividades sejam significativas.

6 - Em quais ambientes ou locais o professor realiza as atividades com esta criança?

R: Ambiente de sala de aula, parque, brinquedoteca, sala de Educação Física e refeitório.

7 - Quais as atividades que esta criança realiza autonomamente?

R: A criança ela tem intenções de movimento, tanto para atividades motoras, como para atividades com artes.

8 - Como são introduzidas as opções de escolhas da criança nas atividades desenvolvidas?

R: São introduzidas através de seus objetos de referência que representam atividades a serem realizadas, no caso eu ofereço dois objetos que representam diferentes atividades e ela escolhe a que mais gosta ou a que mais tem interesse.

9 - Quais adaptações são necessárias para a realização das atividades em relação a:

- Ambiente – em relação ao ambiente são as pistas táteis para que ela se localize no espaço.
- Materiais – em relação a materiais são as adaptações em relação às questões visuais no caso cores, texturas, contrastes.

10 - Como é a rotina da criança na escola?

R: Ela chega participa da roda de música, realiza circuito motor, explora atividades de textura, explora atividades de artes com pintura ou colagem e depois realiza atividade no parque na cama elástica ou na brinquedoteca.

11 - Qual é o primeiro canal sensorial para que essa criança receba informação do ambiente?

R: Através do tato.

12 - Como é feita a comunicação receptiva e expressiva com essa criança nas atividades?

R: A comunicação receptiva ela é através dos objetos concretos que antecipam as atividades da criança e a expressiva é através das intenções de movimentos, por exemplo, quando a gente está no balanço que eu falo que acabou ela balança as mãozinhas pedindo mais.

13 - Como o aluno realiza exploração de:

- Objetos
- Ambiente

- Pessoas

R: Através do tato ela procura sentir tocar e sentir as vibrações sonoras ou táteis, tudo através do tato.

14 - O que você sabe sobre o programa de Orientação e Mobilidade?

R: Eu sei que é um programa que ajuda a criança a se orientar e locomover no espaço, é de acordo com as informações táteis, sensoriais, sonoras.

15 - Como é o deslocamento da criança no espaço da instituição?

R: Ela caminha com o apoio do corpo do outro, mas se cansa rápido e a gente utiliza a cadeira de rodas.

16 - Descreva qual é o momento em que a criança apresenta autonomia no deslocamento?

R: Quando o profissional que está com ela faz o gesto indicativos de caminhar no seu corpo é para que ela tenha as intenções de caminhar sozinha.

- Aí ela caminha sozinha?

R: Com a ajuda do outro

ANEXO 5

Entrevista - Sujeito 3 - Professores

1 - Quais serviços o professor utiliza para realizar o programa educativo individual da criança na instituição? Qual critério para escolher determinado serviço?

R: Educação Física. Pelas necessidades do aluno.

2 - Quais as áreas curriculares o professor considerou na elaboração do programa educacional individual desta criança?

R: Escola, Casa e Comunidade.

3 - Quem são as pessoas que participam na elaboração do programa do aluno?

R: Profissionais e Família.

4 - Quantos profissionais estão diretamente ligados e atuando com esse aluno no desenvolvimento do programa?

R: 3 profissionais – Pedagogo, Professor de Educação Física e uma auxiliar.

5 - Como acontece a seleção de atividades do programa educacional desta criança?

R: Pelo o que ela gosta e suas necessidades.

6 - Em quais ambientes ou locais o professor realiza as atividades com esta criança?

R: Sala de aula, Sala de Educação Física e parque.

7 - Quais as atividades que esta criança realiza autonomamente?

R: Ela não realiza nenhuma atividade sem a ajuda do outro.

8 - Como são introduzidas as opções de escolhas da criança nas atividades desenvolvidas?

R: Por meio de objetos e brincadeiras que ela gosta.

9 - Quais adaptações são necessárias para a realização das atividades em relação a:

- Ambiente – sem muito barulho.

- Materiais – contraste e de texturas.

10 - Como é a rotina da criança na escola?

R: Sala de aula, roda de conversa, brincar, cantar, conversar com os amigos, explora objetos em sala, sala de Educação Física e parque.

11 - Qual é o primeiro canal sensorial para que essa criança receba informação do ambiente?

R: Por ela ter resíduo auditivo consideramos que é a audição.

12 - Como é feita a comunicação receptiva e expressiva com essa criança nas atividades?

R: Receptiva é fala e objeto real. A expressiva é expressão facial e movimentos corporais.

13 - Como o aluno realiza exploração de:

- Objetos
- Ambiente
- Pessoas

R: Objetos e pessoas são por meio do tato com ajuda do outro. Pessoas é o corpo e tato. Ela encosta a mão para sentir a vibração da fala, encosta o corpo no pula-pula para poder se sentir segura e fala, ela sente a sensação do corpo, como se fosse o calor, uma segurança.

14 - O que você sabe sobre o programa de Orientação e Mobilidade?

R: Ainda desconheço o programa. Mas eu acredito que esse programa favorece o desenvolvimento na parte motora.

15 - Como é o deslocamento da criança no espaço da instituição?

R: Ela não realiza, ela não gosta de andar, ela não põe o pé no chão. Então andamos diretamente de cadeira de rodas.

16 - Descreva qual é o momento em que a criança apresenta autonomia no deslocamento?

R: Ela não realiza.

ANEXO 6

Entrevista - Sujeito 1 - Famílias e/ou cuidadores

1 - Sua filha orienta-se em sua casa? Como?

R: Sim, mais ou menos. Eu procuro sempre estar com ela, mexendo com ela, agora que eu aprendi a brincar com ela eu faço bastante o que eu aprendo aqui.

2 - O que você acha necessário adaptar na sua casa para que ela tenha mobilidade e para que ela tenha orientação do ambiente?

R: No momento a L. precisa de uma cadeira de rodas para ela ter mais, para ser fácil para ela porque normalmente ela fica no quarto.

3 - Quais são as atividades diárias que você realiza com a sua filha? Como as realiza?

R: Brincadeiras, procuro estar movimentando muito... Como ela tem os movimentos bons eu procuro ficar movimentando ela, ajudando ela, pondo ela mais sentada, porque ela antes ficava deitada. Cantando, porque ela gosta muito que cante para ela e mexendo mesmo no físico dela

4 - Como a sua filha brinca com os familiares?

R: Ela mexe muito com as pessoas, ri muito então isso atrai né os familiares.

5 - Como sua filha brinca com brinquedos de parque?

R: A L. ainda não mexe muito nos brinquedos, então ela fica contente mais ela não toca muito né, segura. Se bem que ultimamente tem melhorado o segurar dela, sentir segurança mesmo. Principalmente quando estamos brincando.

- Mas ela faz com ajuda, por exemplo ela senta no escorregador?

R: Ela chora um pouco, ela se assusta, não brinca tão bem não, o escorregador, eu já vi as meninas pondo ela no balanço e ela não fica tão bem não.

6 - Como é a rotina da sua filha em casa:

- Como e com quem é feita as refeições da sua filha?

R: Sempre com a mãe, comigo.

- Onde é realizada?

R: No meu colo, ou no carrinho eu coloco ela sentada.

- Onde sua filha se veste?

R: Na cama.

- Com quem?

R: Comigo

- O que ela faz?

R: Ela ajuda, eu peço para ela dá a mão L. ai eu pego na mão dela ela já sabe indicando pela mão né, a forma de tocar na blusa e ela já estica o braço.

- Onde sua filha toma banho?

R: Tem uma bacia enorme (risos), que ela ama tomar banho.

- Gosta de água né?

R: Quanto mais espaço melhor.

- Com quem?

R: Comigo ou o pai dela.

O que ela faz?

R: Ela bate na água, pega na minha mão porque eu to sempre próxima né e segura na minha mão e fica batendo minha mão na água, aí eu pego na mão dela para ela bater (risos).

- Só brincadeira?

R: Só

E ela participa assim de repente com a bucha, para se lavar?

R: Não, mas eu ultimamente eu to tentando sabe, por ela para segurar, para se esfregar, falo vamos lavar a barriga, ou a perna L. aí fico esfregando a mão dela no corpo dela para ela entender.

- Como você sabe que a sua filha quer atenção, alimentar-se, beber ou quer um brinquedo?

R: Agora ela chora, resmungo, aí eu percebo que alguma coisa ela quer, ou banho ou comer mesmo, já ta na hora e pelo horário eu entendo já.

- E o que você faz quando ela chora?

R: Eu converso com ela, aí não resolve, talvez é hora do almoço ou do lanche eu já entendo ela também.

- Como você sabe que sua filha está triste, cansada?

R: Pelo rosto triste, não sorri.

- Expressão facial né?

R: Ela tem bastante expressão.

7 - O que você sabe sobre Orientação e Mobilidade?

R: A L. fez muito fisioterapia, inclusive ela necessita demais, ela fez, eu estava sempre junto com as fisioterapeutas e ela sempre me orientando por isso eu sei como mexer com as pernas com os braços, então às vezes eu procuro ta sempre lembrando e fazendo. E agora com você eu aprendi a brincar bastante e eu estou usando muito isso.

8 - Em que você acha que a Orientação e Mobilidade podem ajudar sua filha e sua família?

R: As pessoas se aproximam mais né, sem medo de ah vai machucar então se aproximam e aprende mesmo a brincar com ela a movimentar ela.

9 - Que tipo de mobilidade sua filha apresenta?

R: Ela tem bastante movimentos nos braços , nas mãos e pernas, braços. Ela tem bastante movimento.

- Em casa ela vai sozinha para algum lugar?

R: Não. Ela fica sempre no mesmo lugar.

- Sempre no mesmo lugar?

R: Só na cama que eu percebo que ela muda, mas engatinhando de costas e deitada, ou se virando.

- Obrigada!

De nada.

ANEXO 7

Entrevista - Sujeito 2 - Famílias e/ou cuidadores

1 - Seu filho orienta-se em sua casa? Como?

R: Sim. Através de apalpar as coisas, engatinhar, por as mãos na parede.

2 - O que você acha necessário adaptar na sua casa para que ele tenha mobilidade e para que ele tenha orientação do ambiente?

R: A garagem.

- A garagem. O que é que tem na sua garagem?

R: Porque não está pronta ainda, então para ele se adaptar melhor tem que fazer a garagem porque aí ele não fica tanto dentro de casa e ele tem como descer.

- Mais independência né?

R: É, mas como para ir até essa garagem tem uma escada então a porta fica fechada direto por causa da escada.

- E aí ele fica preso lá dentro?

R: É

- Entendi

3 - Quais são as atividades diárias que você realiza com o seu filho? Como as realiza?

R: As atividades diárias em relação a brinquedo?

- Tudo

R: Ah quando eu tenho tempo eu brinco com ele, ele brinca gosta muito que brinque com ele assim jogar, pular.

- Corporal né?

R: É corporal, mas para pegar nele, nesse sentido, e só isso parquinho ele gosta muito de grama, balanço essas coisas, gangorra.

- Ele gosta de grama?

R: Adora.

- O que ele faz com a grama?

R: Ele fica deitado pegando a grama, ele só não gosta de terra, tirar o sapato dele e por na terra é comprar briga (risos).

4 - Como o seu filho brinca com os familiares?

R: Ah como ele brinca, ele brinca mais corporal mesmo de abraço, o tio dele chega ele pede abraço, cavalinho. Ele gosta muito que quando o tio chega pega ele e brinca de cavalinho (risos).

5 - Como seu filho brinca com brinquedos de parque?

R: Já respondido junto com a pergunta 3.

6 - Como é a rotina do seu filho em casa:

- Como e com quem é feita as refeições do seu filho? Onde é realizada?

R: No meu colo, na mesa da cozinha.

- Onde seu filho se veste? Com quem? O que ele faz?

R: No quarto.

- Com quem?

R: Comigo.

- O que ele faz?

R: Ele faz... ele tira a calça, quando eu estou vestindo ele eu falo filho levanta o bumbum, ele levanta para por a calça.

- Mas você dá algum toque nele ou não?

R: Às vezes eu falo, mexo na perninha dele levanta a bundinha, ele levanta, aí para por a camiseta eu falo o braço ele coloca dentro da blusa.

- Onde seu filho toma banho? Com quem? O que ele faz?

R: Na banheira.

- Com quem?

R: Eu, só que eu coloco a água, eu abro a porta do banheiro ele já sabe que é para tomar banho, aí ele vai sozinho. Aí eu chego lá tiro a roupinha dele e coloco ele dentro da banheira, aí ele fica lá, eu vou dou banho deixo ele brincando um pouquinho com a água e depois eu tiro.

- Como você sabe que o seu filho quer atenção, alimentar-se, beber ou quer um brinquedo?

R: Brinquedo ele mesmo vai, porque ele já conhece o ambiente da casa, agora em relação a alimentação pelo horário.

- Horário?

R: De quatro em quatro horas.

- Ele não demonstra nenhum gesto?

R: Agora ele está demonstrando.

- É?

R: É agora quando ele quer água ele vai direto na pia da cozinha, e com o copo no corredor, ele pega o copo e leva na boca.

- Ah que bonitinho

R: É, e comigo ele já está pegando assim na mão.

- E você faz algum movimento depois?

R: Eu pego, quando está na hora do almoço eu pego o prato e a colher e mostro para ele, aí ele pega a colher e leva no olho e depois pega minha mão e leva na boca dele.

-Que bonitinho.

- Como você sabe que seu filho está triste, cansado?

R: Triste, cansado quando ele chega da fisioterapia, aí que eu vejo que a atividade foi muito pesada, aí ele já chega e já dorme, eu falo que ai ele está cansado.

7-O que você sabe sobre Orientação e Mobilidade?

R: Difícil (risos).

- Tudo bem. Então se você não sabe, você não vai conseguir responder a próxima.

8- Em que você acha que a Orientação e Mobilidade podem ajudar seu filho e sua família?

R: Ai a orientação e mobilidade.

- Orientação!

R: Orientação? É tentar ajudar a criança a andar, para ele saber onde está se localizando.

- É? Mas então o que você acha que isso pode ajudar você e seu filho?

R: Ah para mim eu acho que pode ajudar bastante, pelo menos ele vai sair um pouco do meu colo, ele sair sozinho, se desenvolver sozinho, saber onde ele está indo e tudo, vai ajudar bastante.

9 - Que tipo de mobilidade seu filho apresenta?

R: Pegar assim, por a mão na parede, ele anda e o que mais.

- Ele anda, mas ele anda sozinho?

R: É, mas segurando, sempre segurando, ele anda bastante.

- Todos os ambientes?

R: Lá em casa todos, se eu falar para você que eu pego ele lá em casa, poucas vezes, só na hora do almoço e banho né, às vezes para por na banheira e para sair mesmo.

- E outros ambientes?

R: Na fisioterapia, ele também está explorando bastante, ta andando bastante.

- Obrigada.

ANEXO 8

Entrevista – Sujeito 3 - Famílias e/ou cuidadores

1 - Seu filho orienta-se em sua casa? Como?

R: Sim, ele levanta do chão se ele estiver sentado, ele pega na mão da gente e vai até o lugar que ele quer ir. Segura na mão ele vai até a cozinha andando.

2 - O que você acha necessário adaptar na sua casa para que ele tenha mobilidade e para que ele tenha orientação do ambiente?

R: Essas madeirinhas que tem aqui na escola grudada na parede (corrimão), eu acho que ia ajudar muito.

- Se tivesse adaptação?

R: É adaptação.

- Suporte né?

R: É suporte.

3 - Quais são as atividades diárias que você realiza com o seu filho? Como as realiza?

R: Uma vez ao dia, depois do almoço eu ando com ele no quintal mais ou menos vinte minutos.

4 - Como o seu filho brinca com os familiares?

R: No colo, sorrindo, brincando com alguns brinquedos, não é todos os brinquedos que ele brinca.

- Quais brinquedos ele brinca?

R: Brinquedos educativos, bolinhas, ele não gosta muito de pelúcia, gosta de brinquedos molinho para colocar na boca.

5 - Como seu filho brinca com brinquedos de parque? Tipo gangorra, escorregador.

R: Ele brinca aqui na escola né, porque em casa não tem gangorra essas coisas não. Mas ele brinca bem, quando ele não quer sair do brinquedo ele trava os braços para não sair.

6 - Como é a rotina do seu filho em casa:

- Como e com quem é feita as refeições do seu filho? Onde é realizada?

R: Como é feita? Eu faço sopa e eu mesmo que dou para ele.

- Onde é realizada essa alimentação?

R: Eu o ponho sentado no carrinho e dou para ele no carrinho.

- No carrinho?

R: É no carrinho em pé na posição de sentar.

- Onde seu filho se veste?

R: No trocador do banheiro.

- Com quem?

R: Comigo.

- O que ele faz? Ele participa de alguma coisa?

R: Levanta o braço, na hora de tirar a roupa, tem roupa que ele não gosta de usar e ele briga comigo para não colocar, ele empurra.

Como você sabe que ele não gosta de usar?

R: Porque eu já sei, blusa de lã ele não usa, ele usa a pulso, eu coloco nele e ele tira, coloco ele tira né, então eu já sei o que ele gosta de roupa.

- Onde seu filho toma banho?

R: Na banheira

- Com quem?

R: Comigo e com o irmão dele.

- O que ele faz?

R: Deita na banheira (risos), fica deitado lá como se fosse uma sauna

- Ele não pega a bucha, não passa no corpo?

R: Não.

- Como você sabe que o seu filho quer atenção, alimentar-se, beber ou quer um brinquedo?

R: Quando ele chora, e quando ele pega na mão da gente e vai até a cozinha no armário onde ele sabe que tem o leite dele.

- Aí quando ele faz isso você faz o que?

R: Aí eu faço mamadeira e aí ele toma.

- Você faz algum sinal, alguma coisa?

R: Não.

- Como você sabe que seu filho está triste, cansado?

R: Quando ele está cansado ele só quer deitar, quando a gente vem da caminhada ele só deita, quando ele ta triste, apesar que ele nunca ta triste né, quando ele está com a barriga cheia ele está sempre feliz, sorrindo, brinca.

7 - O que você sabe sobre Orientação e Mobilidade?

R: Nada praticamente.

8 - Em que você acha que a Orientação e Mobilidade podem ajudar seu filho e sua família?

R: Essa é difícil.

9 - Que tipo de mobilidade seu filho apresenta?

R: Como assim andar?

- É.

R: Eu acho que aqui na escola ele anda bem, ele anda bem com a professora, anda para lá e para cá, mas em casa ele se joga no chão, ele quer colo, teve uma sexta feira que ele só quis ficar no meu colo, ele não saiu nem para eu tomar uma água, quando ele “cisma” de ficar no colo é só colo.

- E assim, ele engatinha, anda de bumbum?

R: Ele se arrasta sim de bumbum no chão, ou então vai parecendo uma minhoquinha, deitado no chão.

- Obrigada.